

# REVISTA DE ESPIRITUALIDADE

RE

REIS, Manuel Fernandes

*A Mística do Amor.  
O Esposo “ama até ao fim”*

BISCAIA, Jorge

*Família entre a incerteza e a esperança*

FERREIRA, Pedro Lourenço

*A oração na família*

LEAL, Agostinho dos Reis

*Na escola dos orantes*

DE MARGERIE, Bertrand

*Fr. Heitor Pinto:  
O autor humanista da “Imagem da vida  
Cristã”*



# REVISTA DE ESPIRITUALIDADE

## SUMÁRIO

ALPOIM ALVES PORTUGAL	
<i>“Fomos criados para amar”</i> .....	163
MANUEL FERNANDES REIS	
<i>A Mística do amor. O esposo “ama até ao fim”</i> .....	165
JORGE BISCAIA	
<i>Família entre a incerteza e a esperança</i> .....	179
PEDRO LOURENÇO FERREIRA	
<i>A oração na família</i> .....	193
ALBERT DECOURTRAY	
<i>Nenhum homem como este Homem</i> .....	203
AGOSTINHO DOS REIS LEAL	
<i>Na escola dos orantes</i> .....	205
BERTRAND DE MARGERIE	
<i>Fr. Heitor Pinto:</i>	
<i>O autor humanista da “Imagem da vida Cristã”</i> .....	217

---

NÚMERO 11

Julho - Setembro 1995

# REVISTA DE ESPIRITUALIDADE

Publicação trimestral

---

---

## Propriedade

Ordem dos Padres Carmelitas Descalços em Portugal

## Director

P. Alpoim Alves Portugal  
Centro de Espiritualidade  
4630 AVESSADAS  
☎ 055.534207 – Fax 534289

## Conselho da Direcção

P. Agostinho dos Reis Leal  
P. Jeremias Carlos Vechina  
P. Manuel Fernandes dos Reis  
P. Mário da Glória Vaz  
P. Pedro Lourenço Ferreira

## Redacção e Administração

Edições Carmelo  
Rua de Angola, 6  
2780 PAÇO DE ARCOS  
☎ – Fax 01.4433706

Assinatura Anual (1995) .....	2.500\$00
Espanha .....	Ptas 2.500
Estrangeiro .....	USA \$ 30
Número avulso .....	700\$00

Impresso na ARTIPOL - Barrosinhas - 3750 ÁGUEDA

Depósito Legal: 56907/92

# “FOMOS CRIADOS PARA AMAR”

P. ALPOIM PORTUGAL

«Ó almas bem-aventuradas  
que tão bem vos soubestes aproveitar  
deste tesouro  
e comprar herdade  
tão deleitosa e permanente  
com este precioso preço!  
Dizei-nos: como grangeastes com ele  
Bem tão sem fim?  
Ajudai-nos,  
pois estais tão perto da fonte;  
tirai água para nós  
que perecemos aqui de sede».<sup>1</sup>

Falar de “mística” e de “amor” sugeriu-me recorrer a estas linhas escritas pela grande mística do século XVI, Santa Teresa de Jesus, ao iniciar este número 11 da *Revista de Espiritualidade*. Começamos a falar de algo que é deste mundo mas que o transcende, de algo que é verdadeiro, tem sentido e dá sentido ao que neste mundo vivemos, sentimos, desejamos e por que suspiramos: foi esta, aliás, a base sólida dos mesmos místicos e santos de todos os tempos, pois que sobre ela

---

<sup>1</sup> Santa Teresa de Jesus, *Exclamações*, 13, 4.

assentaram os seus pés, nela se forjaram, e dela voaram para outras alturas com águas mais abundantes, cristalinas e saborosas.

Fomos, na verdade, criados para outras metas mais altas, gostosas e sublimes. Por este motivo é que não devemos jamais de deixar de *celebrar a vida*, essa vida que nos foi dada gratuitamente e que, por isso mesmo a devemos oferecer numa reciprocidade sem fim.

O *Evangelho da Vida*, do Papa João Paulo II, traz-nos algumas pistas práticas sobre esta celebração da vida. É uma forma óptima de vivermos a nossa vocação originária, de vivermos uma verdadeira “mística do amor”: a celebração da vida deve realizar-se, sobretudo, na vida quotidiana pelo dom de si mesmo, especialmente na dedicação das mães de família, eventualmente na doação de órgãos; no plano social, o serviço da caridade deve «“cuidar” da vida toda e da vida de todos»,<sup>2</sup> entre outros, pela instauração de centros de conselheiros conjugais e familiares, pela criação de centros de acolhimento para toxicodependentes e doentes da sida, pela ajuda a pessoas idosas, deficientes e doentes em fase terminal; é preciso também anunciar o Evangelho da vida através da animação social e do compromisso político, incluindo a objecção de consciência, uma política familiar que seja o motor da política social, graças a uma economia de comunhão e de participação de bens. A encíclica sublinha ainda a importância da educação: educação dos jovens, educação da sexualidade e do amor, formação para a castidade que favoreça a maturidade da personalidade, formação da consciência moral ligando entre si a vida e a liberdade, a liberdade e a verdade. Também nos fala dum novo feminismo que exprima o verdadeiro espírito feminino nas manifestações da vida em sociedade. Assim, por uma mobilização geral das consciências, poderemos construir juntos uma nova cultura da vida e contribuir para uma renovação da sociedade. Maria é realmente o melhor modelo, «modelo incomparável de acolhimento e cuidado da vida».<sup>3</sup>

Oxalá que a leitura deste número de *Revista de Espiritualidade* possa ajudar a aperfeiçoar a vida no amor desde o aprofundamento dos trabalhos que aqui vos apresentamos.

---

<sup>2</sup> João Paulo II, *Carta Encíclica “Evangelium Vitae” sobre o valor e o carácter inviolável da vida humana*, n.º 87.

<sup>3</sup> *Id.*, n.º 102.

# A MÍSTICA DO AMOR. O ESPOSO “AMA ATÉ AO FIM”

P. MANUEL FERNANDES REIS

## Introdução

Qualquer reflexão e vida sobre o mistério do amor cristão terá, por certo, que passar pela exemplaridade da sacramentalidade e da esponsalidade de Cristo e da Igreja: «o meu amado é para mim e eu sou para o meu amado» (Cant 2, 16).

O magistério conciliar descreve a “Igreja... como *esposa* imaculada do Cordeiro Imaculado; Cristo «amou-a e por ela se entregou a fim de a santificar, uniu-a a Si em aliança indissolúvel, e nutre-a e acalenta-a incessantemente»; esposa que Jesus Cristo purificou e quis unida e sujeita a Si no amor e na fidelidade, que encheu para sempre de graça celeste, a fim de que nós possamos compreender a caridade de Deus e de Cristo para com os homens, caridade que excede todo o conhecimento” (LG 6).

O magistério pontifício aponta a imprescindível fontalidade amorosa de Cristo em relação a qualquer tipologia eclesial da sacramentalidade do amor: «porventura será possível imaginar o amor humano sem o Esposo e sem o amor com que Ele amou primeiro e até ao fim?» (CF 19).

## «Amar é vocação de *todos*» (CF 14)

É verdade que *todos* os seres humanos, tanto homens como mulheres, são chamados a ser a «*Esposa* de Cristo» (MD 25). Por conseguinte, o homem, como tal, está chamado a viver no amor esponsal, quer na “unidade a dois”, de carácter matrimonial, quer na “unidade crística”, singular e universal, de índole virginal (MD 23). De facto, «não convém que o homem esteja só» (Gn 2, 18). Se é certo que o homem não pode viver sem amor (RH 10), também o é que não pode “encontrar-se” e “realizar-se” senão pelo *dom sincero de si*.<sup>1</sup>

« Deus criou o homem à sua imagem e semelhança (Gn 1, 26). Chamando-o à existência *por amor*, chamou-o ao mesmo tempo *ao amor*. Deus é amor (1Jo 4, 8) e vive em si mesmo um mistério de comunhão pessoal de amor. Ao criar a humanidade do homem e da mulher à sua imagem e conservando-a continuamente no ser, Deus inscreveu nele a *vocação ao amor* e à comunhão e, portanto, a capacidade e a responsabilidade correspondentes (GS 12). *O amor é, portanto, a fundamental e original vocação do ser humano*» (FC 11).

Nesta antropologia bíblico-cristã, a pessoa humana, como único ser entre as criaturas do mundo visível que Deus Criador “quis por si mesmo” (GS 24), que tem como modelo o Deus-dom – a Trindade como comunhão de pessoas<sup>2</sup> – está chamada a existir “para” os outros, a tornar-se um dom para eles. O homem faz-se pessoa, pelo dom de si mesmo, nas duas dimensões particulares da sua vocação ao amor, ambas indicadoras do carácter esponsal da relação entre as pessoas (MD 7).

<sup>1</sup> Cf. GS 24; MD 7; CF 13. «A pessoa é um ser para o qual a única dimensão adequada é o amor (...) O homem afirma-se a si mesmo da forma mais completa doando-se» (J.P. II, *Atravessar o Limiar da Esperança*, Planeta 1994, pp.185-186). «Pode afirmar-se que, nestas palavras da Constituição pastoral do Concílio está resumida *toda a antropologia cristã*: a teoria e a prática fundamentadas no Evangelho, onde o homem, descobrindo em si mesmo a sua pertença a Cristo e, n'Ele, a própria elevação à dignidade de «filho de Deus», compreende também melhor a sua dignidade de homem...» (J.P. II, DEV 59).

<sup>2</sup> «Há uma certa analogia entre a união das pessoas divinas entre si e a união dos filhos de Deus na verdade e no amor» (GS 24).



«A revelação cristã conhece *dois modos específicos de realizar a vocação da pessoa humana na sua totalidade ao amor: o Matrimónio e a Virgindade.*<sup>3</sup> Quer um quer outro, na sua perspectiva própria, são a concretização da verdade mais profunda do homem, o seu “ser à imagem de Deus”» (FC 11).

A própria eclesiologia conciliar de “comunhão” é uma “eclesiologia do amor”, que ressalta o carácter complementar das diferentes vocações à santidade do amor: «a caridade perfeita, para com Deus e o próximo, é a essência de toda a santidade e não um determinado estado de vida»,<sup>4</sup> porque «comanda todos os meios de santificação (...) e é o sinal do verdadeiro discípulo de Jesus» (LG 42). O amor é, pois, o núcleo de toda a espiritualidade cristã, seja ela a espiritualidade laical, conjugal e familiar,<sup>5</sup> a espiritualidade da vida consagrada<sup>6</sup> ou a espiritualidade do ministério sacerdotal.<sup>7</sup>

O amor, como doação recíproca, manifesta o carácter esponsal e fraternal do dom da vida da pessoa, tanto no consentimento matrimonial,<sup>8</sup> como no assentimento da família religiosa.<sup>9</sup> Na verdade, a paternidade- maternidade e a virgindade são os dois caminhos da vocação do homem e da mulher (CF 17). Na luz de Cristo, que revela o homem ao homem (GS 19), que quer oferecer ao homem a participação na sua vida (CF 9).

<sup>3</sup> «O matrimónio e a virgindade são os dois modos de exprimir e de viver o único Mistério da Aliança de Deus com o seu povo» (FC 16).

<sup>4</sup> P. Brugnoti, *La Spiritualità dei Laici dopo il Concilio*, Brescia 1967, p. 18.

<sup>5</sup> «O sacramento do matrimónio, que retoma e especifica a graça santificante do baptismo, é a fonte própria e o meio original de santificação para os esposos» (FC 56), cujo amor é santificado pelo dom especial de graça e caridade do Senhor (GS 49), que também os chama a uma santidade própria (LG 41) e a um específico apostolado da caridade (AA 4.8). Do sacramento nasce a graça e a exigência de uma autêntica e profunda *espiritualidade conjugal e familiar*, inspirada nos motivos da criação, da aliança, da cruz, da ressurreição e do sinal (FC 56). A tipicidade da espiritualidade familiar é caracterizada por ser uma espiritualidade do casal, laical, encarnada, eclesial (Cf. G. e G. Campanini, *Família*, em NDE, 547-550). Entre nós, portugueses, tenta-se promover “uma adequada espiritualidade familiar” (Cf. CEP, *Instrução sobre a pastoral Familiar à luz do Sínodo*, 22).

<sup>6</sup> LG 42; PC 1; 12.

<sup>7</sup> LG 41; PO 13.

<sup>8</sup> *Ritual Romano da Celebração do Matrimónio*, 62: «Eu... recebo-te por minha esposa (por meu esposo) a ti ... e prometo ser-te fiel... todos os dias da nossa vida».

<sup>9</sup> *Ritual Romano da Profissão Religiosa*, 70: «Confirmamos que és membro desta família... para que, a partir de agora, faças perpétua comunidade de vida connosco».

## «O Esposo está connosco» (Mt 9, 15)

Jesus apresentou-se em Caná da Galileia como «Esposo entre esposos» (CF 18) e, noutro contexto, como o arauto da verdade divina sobre o matrimónio e do ideal evangélico da virgindade,<sup>10</sup> opção de não se casar por amor do Reino dos Céus (Mt 19, 3-12), ponto de partida da vida consagrada (CF 18).

O “lugar” único, que possibilita a doação pessoal total dos esposos, é o matrimónio, como facto de amor conjugal em que, homem e mulher, aceitam a comunidade íntima de vida e amor, querida por Deus (FC 11): «casar-se permanece a *vocação ordinária do homem*» (CF18). O casamento é, pois, um “grande mistério”(Ef 5, 32), porque nele se exprime o *amor esponsal de Cristo pela sua Igreja* (CF 19) e por cada uma das famílias (CF 5) que, como “igreja doméstica” é a esposa de Cristo (CF 19).

«O matrimónio dos baptizados é o símbolo real da Nova e Eterna Aliança, selada no sangue de Cristo. O Espírito, que o Senhor infunde, dá um coração novo e torna o homem e a mulher capazes de se amarem, como Cristo nos amou. O *amor* conjugal atinge a plenitude para a qual está interiormente ordenado: a *caridade* conjugal, que é *o modo próprio e específico* com que os esposos participam e são *chamados a viver a mesma caridade de Cristo* que se entrega sobre a cruz... Testemunham a salvação acontecida na cruz, de um modo próprio, enquanto esposos, a dois, como casal, pelo amor conjugal elevado à dignidade de caridade conjugal» (FC 13).

Cristo-Esposo é garante do “Grande Mistério, que é a Igreja e a humanidade em Cristo, e do “grande mistério” expresso no ser “uma só carne” (Gn 2, 24), do matrimónio e da família, e “um espírito com Ele” (1Cor 6,17), das pessoas consagradas.

<sup>10</sup> A virgindade, como graça especial, escolha livre, dedicação total, amor fiel, sinal especial do Reino de Deus (MD 20), é um “sim” esponsal a Cristo que “amou até ao fim” (Jo 13,1), tornando-se, mediante a acção do E. Santo, “um só espírito” com Cristo-Esposo (1Cor 6,17). No ensinamento de Cristo, a maternidade anda ligada à virgindade – e “o que Deus uniu, não o separe o homem” (Mt 19,6) –, embora se distingam entre si (MD 20), formando diferentes, e complementares estudos de vida e vocações, com a sua fisionomia original, unidos profundamente no “mistério de comunhão” da Igreja (CFL 55), em relação e mútuo serviço (CFL 61).

O ideal evangélico da virgindade é dirigido ao ser humano, sem diferença alguma de ordem sexual, como chamada ao *radicalismo do evangelho* do deixar tudo e seguir a Cristo (Mt 19, 27), o Esposo da humanidade,<sup>11</sup> por um “dom sincero e sponsal” de toda a vida a Cristo, aberto à paternidade e maternidade “segundo o espírito” (Rm 8, 4), que abraça a todos pelo amor de Cristo Esposo (MD 21).

«*Não se pode compreender correctamente a virgindade, a consagração da mulher na virgindade, sem recorrer ao amor sponsal... De modo análogo, deve ser entendida a consagração do homem no celibato sacerdotal ou no estado religioso*» (MD 20).

Na realidade, a “virgindade” foi, a partir da tradição patrística, apresentada como “desposório” místico e espiritual com Cristo.<sup>12</sup> A “Virgem-Igreja” (LG 64), que tem como modelo de virgem a Virgem Maria (LG 63), e que está «desposada com um só esposo, qual virgem pura oferecida a Cristo» (2 Cor 11, 2), que «se entregou por ela para a santificar» (Ef 5, 26), vive nos seus filhos, que receberam o dom de abraçar a virgindade por amor do Reino dos Céus (Mt 19, 12), a união sponsal com Cristo, em realização antecipada do que há-de ser a consumação definitiva do amor de Cristo pela Igreja no Reino de Deus,<sup>13</sup> e nos que receberam o dom da vida do matrimónio. Porém, enquanto o

<sup>11</sup> «A comunhão entre Deus e os homens encontra a sua definitiva realização em Jesus Cristo, o Esposo que ama e se dá como salvador da humanidade, unindo-a a si como seu corpo» (FC 13).

<sup>12</sup> «Desposaste-te com Cristo» (Tertuliano, *De orat.*, 22,9). «É virgem aquela que se desposa com Cristo» (S. Ambrósio, *De virginibus*, 18, P.L. 16, 203). «A carne do Cordeiro é virgem», (S. Agostinho, *De sancta virginitate*, 27, PL 40, 411). «Porque razão Jesus não se casou (viveu em virgindade)? Primeiro, porque tinha a sua própria Esposa, a Igreja; depois, porque ele não era um homem vulgar que tivesse necessidade de uma companheira enquanto à carne (Gn 2, 28). Também não tinha necessidade de gerar filhos, porque permanece eternamente; e porque *só nasceu como Filho de Deus* (cf. S. Clemente de Alexandria, *Stromata* III, c. 3, PG 8, 1164). «A virgindade é uma nova forma de existência que Cristo nos trouxe» (X. Léon Dufour, *Mariage et célibat*, Paris 1965).

<sup>13</sup> «Na virgindade o homem está na expectativa mesmo no corpo das núpcias escatológicas de Cristo com a Igreja, e dá-se integralmente à Igreja na esperança de que Cristo se lhe dará na plena verdade da vida eterna. A pessoa virgem antecipa assim no mundo na sua carne o mundo novo da ressurreição futura» (FC 16). No dizer místico de S. João da Cruz, Cristo enamorou-se já da alma que caminha vestida com a túnica branca da fé – «Oh fé de meu Esposo Cristo...» (CB 12, 2) –, com a túnica verde da esperança e a púrpura da caridade, unidade tricolor do vestido nupcial com que se prepara para entrar no banquete do Esposo (2N 21, 3-4) e, depois, nas «bodas do Cordeiro» (Apoc 21, 3-4). Por seu lado, Santa Teresa do Menino Jesus viveu a sua virgindade sponsal em comunhão com Jesus, no Espírito Santo, que a cobriu de sua sombra – «O Espírito me abraça de seu fogo» (Po 17, 2) – e a tornou mãe de muitos filhos – «Sou virgem, ó Jesus! Mas que mistério / unindo-me a ti, sou mãe das almas» (Po 24, 22). «Para ser virgem, escreve ela, é preciso pensar só no esposo que não sofre ninguém a seu lado que não seja virgem “pois quis nascer de uma mãe virgem, ter um precursor virgem, um tutor virgem, um predilecto virgem e, enfim, um túmulo virgem”. Ele quer também uma pequena esposa virgem, a sua Celina!...» (C 122).

matrimónio é um *sacramentum magnum* – um símbolo do amor de Cristo pela sua Igreja –, a virgindade já é a realidade significada pelo *mistério do matrimónio*.<sup>14</sup>

Neste sentido, “casar” é um “bem” (do tempo) – exalta-se a *bondade* do matrimónio (Gn 1, 31) –, “não-casar” é “melhor” (bem da eternidade) – realça-se a *beleza* da virgindade (Mt 19, 12) – que, sendo uma resposta ao Dom do Senhor, impede a vanglória,<sup>15</sup> obriga a edificar a Igreja (1Cor12, 7). É apenas *outra expressão* do amor de Deus e a Deus,<sup>16</sup> modalidade de actuação e paixão que *distingue*, mas não *separa* da vivência do único amor comum,<sup>17</sup> uma vez que os «laços que unem os membros do novo Povo de Deus entre si (...) não são os da “carne” e do “sangue”, mas os do espírito (...), os do Espírito Santo, que todos os baptizados recebem» (CFL 19).

## «O Esposo é aquele que ama»<sup>18</sup>

Tendo em conta o significado das núpcias, a pessoa humana casa-se com Cristo, tanto pelo sacramento do matrimónio, quanto espiritualmente pela virgindade, no «dom sincero de si», como esposa ao esposo. O perfil do matrimónio encontra-se, assim, espiritualmente,

---

<sup>14</sup> J. A. Gómez, *La Virgindad Consagrada. Realidad evangélica o mito socio-cultural?*, Madrid 1977, pp. 135-136. A comunhão de amor matrimonial é superada por uma forma mais alta de socialidade por amor do Reino (Mt 19, 12), e para um diálogo permanente com Deus (1Cor 7, 35).

<sup>15</sup> «O casto na sua carne não se jacta de o ser, sabendo, como sabe, que é outro quem lhe outorga o dom da continência» (Clemente Romano, *Carta aos Coríntios*).

<sup>16</sup> CEP, *Instrução Pastoral sobre a Família*, 8.

<sup>17</sup> Cf. LG 32; CFL 55.

<sup>18</sup> «Jesus indicava o cumprimento em Si próprio da imagem de Deus-Esposo, entregue já no A. T. (o esposo-redentor: Is 54,5), para revelar plenamente o mistério de Deus com o Mistério de amor. Qualificando-se como “esposo”, Jesus desvenda a essência de Deus (1Jo 4, 8. 16) e confirma o seu amor imenso pelo homem (Jo 3, 16). No seu “amor até ao fim” (Jo 13, 1), pode-se “ver com que amor o Pai nos amou” (1Jo 3, 1). Esta imagem ilumina a verdade profunda do amor esposal, reflexo da paternidade do amor de Deus, da fraternidade do amor do Senhor (Jo 19, 17)» (CF 18). Para o N. T., pois, o Esposo é Cristo (Mt 9, 15; 22,1-14; Jo 3, 29) que, na Cruz, celebra e institui a nova Aliança no seu Sangue (Jo 1, 26. 39; Apoc 19, 7; 21, 2) e a Esposa é a Igreja, o novo Israel, nascido do seu lado trespassado (Jo 19, 35).

na virgindade, sendo Cristo o esposo para estas duas esposas,<sup>19</sup> o caminho (Jo 14, 6) para estes dois caminhos, profundamente complementares (MD 21), embora a Igreja tenha defendido sempre a superioridade da virgindade em relação ao matrimónio,<sup>20</sup> certamente, não no sentido subjectivo e moral, mas objectivo (LG 41).

Se o A. T., que expressa a relação de Deus com Israel com a *imagem do amor esponsal*, podemos dizer que é todo uma *profecia* de Cristo-esposo da Igreja – «a minha clemência não se apartará de ti e a minha aliança de paz não vacilará» (Is 54, 10) – e da Igreja-esposa de Cristo – «o teu esposo é o teu Criador... o teu redentor» (Is 54, 5) –, o N. T., podemos igualmente dizer, é a *realidade* de Cristo-esposo da Igreja – «Cristo amou a Igreja e entregou-se a si mesmo por ela» (Ef 5, 25) – e da Igreja-esposa de Cristo – «a Igreja está sujeita a Cristo» (Ef 5, 24) – na sua recíproca comunicação e comunhão no amor.

O “grande mistério” da união esponsal de Cristo com a Igreja (Ef 5, 32) é “explicado” pela “novidade” evangélica da “sacramentalidade” da aliança dos esposos, cuja *ética* de amor esponsal recíproco, como *unidade de amor* esponsal – «maridos, amai as vossas mulheres» (Ef 5, 31) e «as mulheres sejam submissas aos seus maridos» (Ef 5, 22), sendo uma «submissão recíproca no temor de Cristo» (Ef 5, 21), encontra na «caridade nupcial de Cristo» (FC 13), o Esposo da Igreja, sua Esposa, o modelo do seu comportamento: «os esposos encontram em Cristo (Ef 5,

---

<sup>19</sup> Apesar do antropomorfismo da linguagem bíblica, isto é, Deus a amar com qualidades “masculinas” de pai (Ef 3, 14-15) e esposo (Os 11, 1-4) ou “femininas” de mãe (Is 49, 14-15), a sua esponsalidade é totalmente divina e espiritual (Jo 4, 24), e não corporal (MD 8), e, embora seja “humana” a expressão do amor de Deus, o *amor* em si mesmo é *divino* (MD 23). A esponsalidade divina é o *modelo* absoluto de toda a esponsalidade humana (MD 8). O amor de Deus tem um carácter esponsal propriamente divino, embora se expresse com a analogia do amor do homem pela mulher (MD 23). O amor esponsal de Deus (Is 54, 5) e de Cristo (Jo 3, 16), embora “semelhante” ao amor esponsal dos cônjuges humanos, não é igual: «porque o amor divino de Cristo é amor de Esposo – o símbolo “masculino” representa o carácter humano do amor divino – é o paradigma e o exemplar de todo o amor humano» (MD 25) e o amor da Igreja-Esposa – símbolo “feminino” – engloba todo o “humano” (Gn 3,28), mesmo os homens, embora a mulher seja unicamente considerada como o símbolo da Igreja na sua relação esponsal com Deus (Urs von Balthasar), porque, com seu rosto feminino e maternal, simboliza a Igreja Esposa (cf. Ignacio de la Potterie, *Maria en el Misterio de la Alianza*; BAC, Madrid 1993, p. 275). Para uma visão do simbolismo nupcial no A. T. em que Deus é o Esposo que faz Aliança de união nupcial com a sua Esposa, o povo de Israel (Cf. M. F. Lacan, *Epoux*, em *Vocabulaire de théologie biblique*, Paris 1962, pp. 291-295). Contudo, o simbolismo nupcial, de ordem arquetípica (C. G. Yung, *Essai d'exploration de l'inconscient*, em *L'homme et ses symboles*, Paris 1964, p. 96), está ligado desde as épocas mais primitivas ao “sagrado” (J. L. Henderson, *Les mythes primitifs et l'homme moderne*, em *L'homme et ses symboles*, pp. 128-136).

21) – «que amou a Igreja e por ela se entregou» (Ef 5, 25) – o ponto de referência para o seu *amor sponsal* (CF 19) e, na santidade do seu amor (FC 56) – *devem* amar-se reciprocamente *em* Cristo e *como* Cristo – são a encarnação fiel do amor de Deus feito homem.<sup>21</sup>

É que a “teologia” do “princípio” da instituição divina do matrimónio como unidade de amor sponsal – «criou-os homem e mulher» (Gn 1, 27) para que «os dois se tornassem uma só carne» (Gn 2, 24) – é confirmada e elevada por Cristo que «renova o desígnio primitivo que o Criador inscreveu no coração do homem e da mulher e, na celebração do sacramento do matrimónio, “um coração novo” (Ez 36, 26) não só para superar a “dureza do coração” (Mt 19, 8), mas, sobretudo, para partilhar o amor pleno e definitivo de Cristo pela Igreja» (FC 20). O Espírito Santo, derramando o amor de Deus nos seus corações (Rm 5, 5), como *regra de vida* para os esposos cristãos (Jer 31, 33), concede-lhes um *amor novo*, que é princípio e força de uma *nova comunhão* de amor, geradora de uma *comunidade familiar nova*.<sup>22</sup>

«O *amor*, que anima as relações interpessoais dos diversos membros da família, constitui a força interior que dá forma e vida à *comunhão* e à comunidade familiar (...). Sem o *amor*, a família não pode viver, crescer e aperfeiçoar-se como *comunidade* de pessoas» (FC 21.18).

Este «*evangelho de amor* é fonte inexaurível de tudo quanto nutre a família humana como “comunhão de pessoas”» (CF 16) e, «o futuro de cada núcleo familiar depende do “amor formoso”, enquanto amor recíproco dos esposos, dos pais e dos filhos, amor de todas as gerações; o amor é a verdadeira *fonte de unidade* e da *força da família*» (CF 20). Enquanto «o “Nós” divino constitui o modelo eterno do “nós” humano» (CF 6), a família é o «centro e o coração da civilização do amor» (CF 13).

<sup>20</sup> Cf. FC 16; MD 22.

<sup>21</sup> «Se o amor de um casal, sem perder intensidade, pudesse abarcar e abraçar a todos os homens, esse amor seria a mais alta encarnação do amor de Deus; esse amor, feito homem, chama-se Jesus (...) Afirmando o amor humano (1Jo 4, 20), é *possível descobrir nele a revelação* de que Deus “é amor” (L. A. Schokel, *Cantar de los Cantares* (introducción) em *Nueva Biblia Española*, Cristiandad, Madrid 1984, 1262). Por um lado, «o vínculo de amor conjugal torna-se a imagem e o *símbolo* da Aliança que une Deus e o seu povo (...) e, por outro, o amor sempre fiel de Deus é apresentado como *modelo* das relações do amor fiel que devem existir entre os esposos» (FC 12).

<sup>22</sup> A “comunhão” diz respeito à relação pessoal entre o “eu” e o “tu”. A “comunidade” supera este esquema em ordem a um “nós” (CF 7).

## «A Esposa é aquela que ama» (MD 29)

«No âmbito do “grande mistério” de Cristo e da Igreja, todos são chamados a responder – como uma esposa – com o dom da sua vida ao dom inefável do amor de Cristo, o qual, como Redentor do mundo, é o único Esposo da Igreja. No “sacerdócio real”, que é universal, exprime-se contemporaneamente *o dom da Esposa*» (MD 27).

Esta analogia do Esposo e da Esposa diz não só do amor com que todo o homem e toda a mulher são amados por Deus em Cristo, como também da exigência ontológica e ética da vocação da pessoa humana ao amor: «ao fim, para este fim de amor, fomos criados».<sup>23</sup>

Os santos são um modelo de “sequela Christi”, um exemplo de como a esposa deve responder com amor ao amor do esposo (MD 27). Esta esposa, porém, torna-se presente em cada baptizado: «amou-me e se entregou por mim» (Gal 2,20).

Só a consciência do “dom de Deus” (Jo 4, 10), de que “nos amou primeiro (1Jo 4, 10) e até ao fim” (Jo 13, 1), de que o Esposo “está connosco” (Mt 9, 15) e “todos os dias até ao fim do mundo” (Mt 28, 20), permitirá aos esposos amarem-se “até ao fim” em dom recíproco de amor (Ef 5, 33), construirem “a fraternidade da caridade”, apresentarem-se como símbolo e participação do amor com que Cristo amou a sua Esposa e por ela se entregou<sup>24</sup> e manifestarem a todos, no próprio serviço temporal, a caridade com que Deus amou o mundo (LG 41), como testemunhas do mistério da caridade que o senhor revelou ao mundo com a sua morte e ressurreição (GS 52).

<sup>23</sup> Cf. S. João da Cruz, *CB* 29, 3. «Se o homem já pela sua natureza de pessoa – ser pessoa significa tender à própria realização pelo dom sincero de si mesmo (MD 7) e só a pessoa pode amar e só a pessoa pode ser amada (MD 29) – é imagem e semelhança de Deus, então, a sua grandeza e dignidade realizam-se na aliança com Deus, na união com Ele» (MD 9).

<sup>24</sup> «“A mística espousal” origina-se, no A. T., quer na teologia da aliança, iniciativa amorosa de Deus, quer no simbolismo nupcial, por exemplo do Cântico dos Cânticos, que expressam a comunhão de amor entre Deus e o homem, na luz do amor do esposo e da esposa, em que ambos se dão e se entregam totalmente (...) O simbolismo nupcial utiliza-se pela sua capacidade de expressar a experiência não propriamente de ser-um, mas de estar-unido, da comunhão na transformação, da presença que convida, do amor recebido que faz amar de um modo novo» (Cf. G. Molioli, *Mística cristiana*, em *NDE*, 935).



De modo igual, apenas a consciência de que o amor de Cristo congregou os consagrados na unidade da comunidade,<sup>25</sup> como verdadeira família, que goza da sua presença (Mt 18, 20), graças à caridade de Deus difundida pelo Espírito Santo nos corações (Rm 5, 5), lhes possibilita serem “uma unidade de irmãos” (PC 14).

« *Todos são um corpo / da esposa que dizia:  
que o amor de um mesmo Esposo / uma esposa os fazia* ».<sup>26</sup>

Este Cristo, Redentor do mundo (Jo 3, 16), único Esposo da Igreja (MD 27), é «quem tem a esposa»<sup>27</sup> e «o amigo do esposo, que o acompanha e escuta, alegra-se sobremaneira, ouvindo a voz do esposo» (Jo 3, 29). O Esposo está connosco (Mt 9, 15), com a Igreja-Esposa, tanto na família cristã, quanto na comunidade religiosa, ambas “esposas de Cristo”, por Ele “amadas até ao fim” (Jo 13, 1). Além disso, como Deus-Família, enquanto comunidade de vida eterna em comunicação e conhecimento-amor recíprocos,<sup>28</sup> enquanto “Três Pessoas e um amado... e um amor em todas elas”,<sup>29</sup> enquanto origem (Pai) de toda a paternidade-familiaridade na terra (Ef 3, 15), é o «esposo da humanidade».<sup>30</sup>

<sup>25</sup> «O mesmo Cristo que os chamou, *convoca cada dia* os seus irmãos e irmãs para falar-lhes e para *uni-los a Ele e entre si* na Eucaristia, para torná-los cada vez mais seu corpo vivo e visível, animado pelo Espírito, a caminho do Pai (...) Em toda a dinâmica comunitária, Cristo, em seu mistério pascal, permanece o *modelo de como se constrói a unidade (...)* é a comunidade “*pneumática*” do Ressuscitado» (Cf. Cong. Inst. Vid. Cons. e Soc. Vid. Apost., VFC 12. 21. 58).

<sup>26</sup> S. João da Cruz, *Rom* 4, 121-124.

<sup>27</sup> «Terminou o regime contratual da Lei para dar lugar à *relação recíproca de amor* entre o homem e Deus. A presença imediata de Deus em Jesus torna desnecessária qualquer classe de mediação ou de intermediário. Tinham-se criado instituições que tinham como objectivo servir de meio à comunicação com Deus. Caducaram, mas negam-se a desaparecer, revelando assim a sua perversão, ao constituírem-se fim em si mesmas » (Cf. J. Mateos, *Nuevo Testamento*, Cristiandad, Madrid 1987, p. 459).

<sup>28</sup> S. M. Alonso, *Utopia de la Vida Religiosa*, Madrid 1982, p. 139.

<sup>29</sup> S. João da Cruz, *Rom* 1, 27-32.

<sup>30</sup> Deus é o esposo da humanidade, tanto do homem como da mulher ( Gn 3, 28 ), mesmo como juiz sobre o amor (Mt 25, 31-46 ) para com todos (CF 22). Nas suas relações com o homem todas as iniciativas pertencem a Deus. A atitude da humanidade é fundamentalmente “feminina”, de passividade-activa, de consentimento e dom (CF. L. Beirnaert, *La signification du symbolisme conjugal dans la vie mystique*, em *Expérience chrétienne et psychologie*, Paris 1964, p. 428). Já na pregação profética, a Esposa ideal de Deus é a humanidade resgatada (Is 54, 10), simbolizada na Jerusalém escatológica, a cidade-esposa, redimida e desposada por Deus (Is 54, 5), melhor dito, por Cristo (Apoc 21, 1). Por isso, «o cristão é *virgem*» (Apoc 14, 4) e a comunidade é a *virgem-esposa*: «*despousei-vos com um único esposo*, como *virgem* pura oferecida a Cristo» (2Cor 11, 2). Os primeiros exegetas cristãos identificaram a Cristo como o Esposo e a Igreja como a Esposa, na linha de Filon de Alexandria, que identificou o Esposo com Deus e a Esposa com o Povo de Israel (*Rev*, 21-2). Orígenes, foi o primeiro a interpretar a união entre a esposa e o esposo do Cântico dos Cânticos como símbolo da união entre o Verbo e a alma individual. Foi posteriormente seguido por S. Bernardo nos seus 86 Sermões sobre o Cântico dos Cânticos.



Na verdade, «*todos* os seres humanos – tanto homens como mulheres – são chamados a ser «Esposa» de Cristo, que *entrou* na história como esposo que amou *primeiro* (1Jo 4, 29), *saiu* dela como o *maior* esposo (Jo 13, 1) e nela *permanece* como o *melhor* esposo (Jo 15, 13), que «não faz acepção de pessoas» (Mt 22, 16), e «se entregou a si mesmo» no seu corpo “dado” e no seu sangue “derramado” por *todos*» (Lc 22,19-20).

## A Aliança de amor entre Cristo e a Igreja

A Eucaristia, como dom de Cristo à Igreja, é o sacramento do amor do Esposo e da Esposa.<sup>31</sup> Ele, faminto de comer a sua Páscoa connosco – «desejei ardentemente comer esta páscoa convosco» (Lc 22, 15) – , amou a Igreja como “corpo” (Ef 5, 23) e a ela está unido, como esposo com a esposa, na Eucaristia, a qual, exprime de modo sacramental, o acto redentor de Cristo Esposo em relação à Igreja Esposa, bem como, o dom da esposa unida ao seu esposo,<sup>32</sup> respondendo com um “dom sincero de si mesma” ao dom inefável do amor do esposo (MD 27), uma vez que o “dom sincero” realizado no sacrifício da Cruz ressalta de modo definitivo o sentido sponsal do amor de Deus (MD 26).

Se foi, sob a árvore da cruz, que o filho de Deus *redimiu* e, por conseguinte, *desposou* consigo a natureza humana e, conseqüentemente, a

---

<sup>31</sup> «Parece-me que nada diz mais o *amor* que está no Coração de Deus do que a *Eucaristia*: é a união, a consumação, é Ele em nós, nós n'Ele, e não é isto o céu na Terra?» (I. da Trindade, C 165 ). Na sua Liturgia das Horas, com que dá glória a Cristo e lhe consagra o tempo, a Igreja, ao prolongar a Eucaristia, faz uso do símbolo nupcial. Assim, o *Natal* é o *Advento* do Esposo: «Quando o sol aparecer no horizonte, vereis o Rei dos reis, que procede do Pai, *como esposo que sai do seu tálamo*»; a *Epifania* é a apresentação da Igreja-Esposa: «Hoje a *Igreja uniu-se ao seu esposo celeste*»; a *Apresentação do Senhor* é a purificação da Igreja-esposa para acolher, no seu leito nupcial, o Cristo-esposo: «*Adorna* a tua morada, ó Sãõ, e *recebe* a Cristo, o teu Rei»... (Cf. respectivamente, Cânt. Evang. (Magnificat) das primeiras vésperas do Natal e Antífona 2 do Ofício de Leitura: «como esposo, o Senhor sai do seu tálamo», em *Liturgia das Horas* I, pp. 358-361; Cânt. Evang. (Benedictus), em *Liturgia das Horas* I, p. 521; Ant. 2, de Vésperas I da Apresentação do Senhor, em *Liturgia das Horas* III, p. 1217).

<sup>32</sup> «*Ofereçamos* interior e exteriormente ao Senhor o *sacrifício* que pudermos, portanto Sua Majestade o juntará com o sacrifício que Ele ofereceu por nós na Cruz a seu Pai, para que tenha o valor que *o nosso amor* tiver merecido, embora sejam pequenas as obras» (S. Teresa de Jesus, 7M 4, 18).

cada alma,<sup>33</sup> se “ali lhe deu o seu peito e ali lhe ensinou ciência mui saborosa”, aqui, na Eucaristia, a páscoa de sempre – «fazei isto em memória de mim» (Lc 22, 19) – a Esposa “entra no ameno horto desejado” e entrega-se toda ao esposo – “eu lhe dei *de facto* / a mim, sem deixar coisa; / ali lhe prometi de ser *sua esposa*” –, pois, “que já só em amar é meu exercício.<sup>34</sup>

“Andando enamorada”, sabendo-se amada – “*quão* delicadamente me enamoras!” –, sabendo que “não há obra melhor nem mais necessária que o amor” – “é mais precioso diante de Deus e da alma um pouquinho deste puro amor e mais proveito faz à Igreja, ainda que parece que não faz nada, que todas essas obras juntas” –, a esposa encontra-se, de noite, na fonte que mana e corre, com a Presença-Ausente – “saí trás ti clamando, e eras ido” –, que é toda a sua felicidade e descanso.

«Ai, desditado  
de aquele que de meu amor fez ausência  
e não quer gozar a minha presença».

«Ó dulcíssimo amor de Deus mal conhecido!  
quem encontrou tuas veias descansou».<sup>35</sup>

## Conclusão:

Na sacramentalidade da fé acontece a “ditosa ventura” da união mística de Cristo e a Igreja: «Oh, noite que juntaste / Amado com amada / amada no Amado transformada». A Igreja recebe, na comunhão eucarística, a sua transformação crística: «Faz tal obra o amor / depois que o conheci... que a alma transforma em si». Assim,

<sup>33</sup> S. João da Cruz, CB 23,3. Na *redenção* exprime-se justamente este amor de Deus e realiza-se, na história do homem e do mundo, o *carácter sponsal desse amor* (MD 25). Esta linha patrística segue a bíblica: «como um jovem *desposa* uma virgem, assim te *desposará* o teu edificador... (Is 62,5).

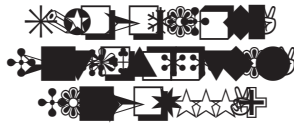
<sup>34</sup> S. João da Cruz, CB 22; 27; 28. Ao comentar o «*dilectus meus mihi, et ego illi*» (Cant 2, 16), Teresa de Jesus refere o diálogo entre o *sponsus* e a *sponsa*: «Já toda me entreguei e dei, / e de tal sorte hei trocado, / que é meu Amado para mim, / e eu sou para meu Amado» (P 2).

<sup>35</sup> *Id.*, CB 29; CH 4; CB 1; P VI, 13-15; D. 16.

“impelida pelo amor” de Cristo, “toda se vai consumindo”, ao passar por esta “terra estranha”: «Ali me feriu o amor / e o coração me tirava». Deste modo, “a esposa está preparada” (Apoc 19, 7) para o “inefável nó” de Deus-em-si-Uno-Trino, para entrar no “círculo sagrado de correntes dinâmicas de amor” no “sempre-mais-do Amor”: «o amor quanto mais uno / tanto mais amor fazia». Então, Cristo deificará a Igreja na comunhão real da vida do Mistério do Amor: «Ali seu amor lhe daria / assim juntos em uno / ao Pai a levaria... assim a esposa seria / que, dentro de Deus absorta / vida de Deus viveria».<sup>36</sup> «Entretanto, cá na terra, a Igreja prossegue a sua peregrinação longe do Senhor e, assim, no exílio, busca e antegoza já as coisas do Alto, onde Cristo está sentado à direita do Pai, onde a vida da Igreja se encontra escondida com cristo em Deus, até aparecer refulgente de glória com o seu Esposo» (LG 6).

---

<sup>36</sup> *Id.*, P. V, 5; P. XI, 22-30; P. II, 15-16; P. I, 45-46; 156-157. 164-166.



# **FAMILIA ENTRE A INCERTEZA E A ESPERANÇA**

JORGE BISCAIA \*

## **I - A família na incerteza**

### **a) Sinais dos tempos**

Cada vez mais se descreve a família como instituição em crise.

Na realidade a progressiva instabilidade realçada pelo número crescente de divórcios, de separações, ou mesmo pela insegurança de uniões conjugais que prescindem de outros vínculos para além dos que resultam do compromisso transitório de viver em comum, parecem comprovar essa crise.

Algumas condições sociológicas hoje preponderantes também nos levam aparentemente a justificar este pessimismo: lembremos a tensão da vida urbana e a separação não solidária que ela provoca entre vizinhos e

---

\* O Dr. Jorge Biscaia, pediatra do Instituto Maternal de Coimbra, foi presidente nacional da Associação de Médicos Católicos, actualmente é presidente do Núcleo de Coimbra e presidente do Centro de Estudos de Bioética, proferiu esta conferência num encontro de reflexão promovido pela Acção Católica na Figueira da Foz.

conhecidos; o trabalho de cada elemento do casal em locais distantes e muitas vezes sem outra gratificação além da económica, a instabilidade de profissão e o desemprego, cujo aumento parece ser necessário para que as economias sejam competitivas, o desenraizamento e a carência de habitação para os emigrantes que, do país e do exterior, chegam às grandes cidades, na procura de melhores condições de vida, ou na fuga a situações de guerra e de catástrofe.

Para além disto não podemos esquecer a intromissão dos poderosos meios audiovisuais que, na luta pela maior audiência, introduzem no interior da própria casa um interlocutor permanente, que veicula imagens que são muitas vezes aceites sem julgamento prévio.

### **b) A ambivalência dos sinais dos tempos.**

Porém estes mesmos elementos que conduzem a uma dissolução da família instituição, são acompanhados por outros sinais de valor ambivalente que podem funcionar quer como factores de uma reorganização positiva quer como agressões à sua unidade.

Assim a ausência da família alargada aos avós e aos tios, se é negativa na diminuição dos apoios, obrigou por outro lado o casal a uma maior entreaajuda que pode ser um caminho na formação da verdadeira pessoa conjugal.

A grande dispersão dos contactos entre os jovens nos locais de trabalho ou de estudo, põe naturalmente em risco a transmissão de valores vividos pelos pais e torna mais fácil a formação de grupos que tanto os levam à criminalidade e à droga, como os conduzem ao sacrifício por um ideal solidário. Para além disso, a maior facilidade de relações que assim se estabelecem, permite um campo de escolha mais alargado e mais livre daquele com o qual se admite viver como nova família.

O aumento do tempo de escolaridade também é ambivalente. Por outro lado faz com que os jovens se sintam durante mais anos dependentes já que só tardiamente estão prontos para a entrada no mercado de trabalho. Este prolongar de factores de adolescência poderia ser equilibrado pela maturidade proporcionada pela maior cultura pessoal. Infelizmente, a pressão posta na aquisição da diferenciação técnica, faz desse longo período

mais uma aprendizagem compartimentada do que uma formação global. Acentua também a clivagem entre uma geração mais nova, mas incapaz de se adaptar às tecnologias nascentes e outra, que faz do conhecimento técnico um factor de incompreensão pelos saberes dos pais, já considerados velhos na casa dos cinquenta.

A profissionalização da mulher, se lhe diminuiu o tempo para as tarefas que até aqui faziam dela o elemento estabilizador da família, deu-lhe igualmente maior liberdade de decisão, tornou-a mais capaz de exigir um clima de verdade e de entreaajuda nas relações conjugais.

Também é certo que muitos destes factores podem conduzir a uniões pré-conjugais efémeras, ou tornar as separações e os divórcios tão fáceis que a mais pequena dificuldade é considerada como insanável. Porém são igualmente um apelo a uma união mais saudável, fundada na igualdade real de duas pessoas, que livremente se comprometem para a vida.

## **II - A Família na procura da esperança.**

### **a) Do encontro à escolha e ao compromisso.**

Estamos assim num momento de transição numa espécie de gestação duma nova família de que o passado não terá sido senão a preparação longínqua.

Mas a natural incerteza, que é consequência desta evolução cada vez mais acelerada, obriga-nos a procurar o que é a essência, o núcleo fundamental da família, para nele obter a estabilidade e a segurança que a transformação das estruturas lhe têm vindo a tirar.

Parece-nos cada vez mais claro que essa essência é o assumir do compromisso entre um homem e uma mulher de viver no tempo uma relação de amor.

Mas esta observação torna necessária uma definição clara do que é esse amor, para que mais uma vez se não parta de falsos princípios.

Ora este amor começa pela descoberta do outro e da capacidade de se relacionar com ele. Essa relação pressupõe o aceitar de um outro real, diferente da imagem com que temos tendência a identificá-lo, o respeitar da sua liberdade e do seu destino próprio que poderemos influenciar mas nunca moldar como se faz a um objecto.

A razão porque preferimos esse outro entre muitos outros possíveis, depende em parte da evolução afectiva que formou o nosso subconsciente profundo e do projecto de vida que fomos capazes de amadurecer. Essa escolha é também naturalmente condicionada por um corpo em que se entrecruzam todas as emoções da unidade psicossomática de que é feita a nossa humanidade.

Para o cristão tudo isto é ainda caldeado por um Deus que continuamente nos faz propostas de abertura.

Na realidade, o grande pecado original é ficar fechado em si, como ilha a que se vão dando vários nomes sempre na primeira pessoa: o meu saber, a minha ciência, o meu destino pessoal, o meu poder e posição, a confiança que puseram em mim ...

Ora esta abertura ao outro é o grande apelo para ficar livremente dependente, pobre de si, pronto a partilhar e a fundir-se numa nova realidade, primeiro dual, mais tarde capaz de ser trinitária através de um filho genético ou de coração. E assim se passa do encontro, à relação de amor.

Porém esse amor pressupõe a capacidade de fazer um compromisso definitivo e de aceitar todos os riscos da vida. O risco de sofrer a separação a incompreensão, o afastamento, a solidão e a morte que são no fundo as consequências da liberdade, sem a qual o amor não existe.

Mas será que os encontros de hoje, nos bancos da universidade ou nas escolas de formação das múltiplas especializações com saídas para um emprego, proporcionarão facilidades para esta descoberta do outro?

O ruído das discotecas e o ritmo das músicas deixarão ouvir aquele ou aquela com quem se está?

Será fácil perceber este outro na massificação dos transportes públicos e no isolamento dos carros privados, bloqueados no trânsito?

A promoção fácil do simples encontro genital não será obstáculo ao aprofundamento da pessoa profunda, escondida no corpo físico?



Pensamos que estas realidades aparentemente negativas obrigam a opções que no meio de todas elas se podem revelar positivas. Na verdade uma opção para ser verdadeira torna necessário que seja possível comparar dois caminhos e medir o que se perde ou se ganha ao escolher um e não o outro.

Mas nesta área de grande fundo afectivo, como se modela a nossa capacidade de preferir?

Aqui tem mais uma vez grande importância, a maturação afectiva que nos foi sendo dada desde o nascimento. Temos tendência para escolher o modelo de interacção de que tivemos experiência. Por isso mesmo são marcantes as relações de maternidade/paternidade e filiação. Só na medida em que essas relações passaram de uma vinculação e dependência para uma autonomia estimulada ou pelo menos aceite, é que mais tarde outras escolhas serão opções de liberdade.

Por tudo isto, se este amadurecimento afectivo tiver sido correcto, as condições próprias ao nosso tempo que já atrás descrevemos, não serão necessariamente negativas.

Mas uma vez feita esta escolha do outro, essencial ao nascimento da família, fica ainda um longo caminho porque a chamada pessoa conjugal é realizada no tempo.

E aqui também algumas realidades da sociedade actual continuam ambivalentes, como de resto já salientámos.

Contra o amadurecimento do encontro jogam as condições de vida e a pressão posta mais na aquisição de coisas do que no acolhimento do outro. Porém tendo em conta a melhoria material de que hoje se usufrui na sociedade ocidental, também poderemos utilizar o tempo que ela nos concede para um «estar com».

Aqui será novamente a decisão pessoal que nos irá orientar mais para o caminho da relação do que para o da separação.

E não nos devemos deixar perturbar pela tendência que hoje têm os noticiários de acentuar a notícia de impacto negativo quase nunca fazendo coincidir as notas da abertura de um telejornal com o esforço silencioso do casal que procura encontrar-se. Assim o número de divórcios faz-nos esquecer os casais que permanecem e se aprofundam no diálogo. Por outro lado é fácil escamotear os inúmeros lares que antigamente viviam unidos só na aparência, ou as mulheres então sozinhas em casa própria, por abandonos afectivos de quem cinicamente distinguia mães e amantes.

No momento actual a maior liberdade de falar do sexo pode levar ao convencimento de que ele é separável da relação personalizada. Mas essa mesma abertura à dimensão genital do encontro entre o homem e a mulher veio mostrar que também ela era um elemento importante na formação da pessoa conjugal. E se a informação televisiva apresenta muitas vezes a relação genital como uma técnica para cujo êxito importa pouco o conhecimento do outro, obrigou-nos igualmente a realçar a componente do prazer mútuo que tinha sido menosprezada como factor da união entre marido e mulher. Para além disso, toda a polémica que tem suscitado a maneira ligeira como ela é muitas vezes apresentada, tornou obrigatória a reflexão do seu sentido último como diálogo interpessoal de duas pessoas que se amam.

### **b) Os filhos**

Na formação e amadurecimento da família não podemos esquecer a grande componente ditada pelo acolhimento dos filhos. Na maioria das vezes serão filhos genéticos mas poderão igualmente nascer de uma adopção em que a filiação do coração substitui a da hereditariedade.

Todos temos consciência da descida da natalidade que é própria dos nossos dias... Em Portugal de 1960 a 1990 houve uma perda de 50% do número de nascimentos anuais (de 213895 para 116383); a taxa de fecundidade é desde 1989 de 1,5 filhos por mulher e a última vez que a substituição de gerações foi assegurada com a taxa de 2,1 crianças por mulher foi em 1982.

Esta gritante diminuição da natalidade é um problema de causas tão complexas que não penso ser possível dizer liminarmente que os casais já não desejam ter filhos. Há antes um conjunto de factores cuja valoração relativa é muito variável. Um dos elementos é a descida simultânea da mortalidade infantil. Das 112 mortes até ao primeiro ano de vida, por mil nascimentos de 1960, passou-se para 13 por mil em 1990. Por isso mesmo os pais já não são postos perante o desejo de substituição de um filho que raramente chegava à idade adulta.

Para além disto a criança passou a ser vista, não como uma fonte de trabalho e de rendimento, no campo ou nas tarefas de aprendiz, mas como uma longa responsabilidade económica antes de atingir o fim dos estudos e o primeiro emprego. Por outro lado os casais mais novos

passaram a ser mais exigentes nas condições de vida, suas e para os seus filhos, nem sempre o tamanho das casas e a segurança de emprego correspondem a essa exigência. A mulher trabalha agora fora de casa e equaciona desde logo as dificuldades que vai ter em compatibilizar a atenção aos filhos com a sua profissão.

Esta contracepção familiar tem pouco a ver com a recente conferência do Cairo que repetiu com outros meios o discurso imperialista do banquete com que Malthus apresentou a sua teoria em 1798. Defendia ele que «se deviam eliminar ou impedir de nascer os postulantes que se apresentam à porta de um mundo que não tem necessidade do seu trabalho e que de outro modo será perturbado pelos seus clamores, na luta pelo lugar à mesa do banquete da natureza, já cheia antes da sua chegada».

Mas como é evidente, há sobre todos os problemas pessoais aqui aflorados o pano de fundo da contracepção, que hoje é mais fácil, mais eficaz, mais inócua e que é mesmo preconizada pelos médicos, ao aconselharem um espaçamento das gestações.

Neste aspecto a Igreja tem mantido uma posição só favorável aos chamados métodos naturais. É irrefutável que não poderá ser aceite que se eliminem vidas por meios mecânicos ou hormonais. É também perfeitamente correcto que ela proponha que a contracepção passe primeiro pelo conhecimento de si próprio, pelo diálogo conjugal e descubram as outras formas de testemunhar o carinho e o amor que estão implícitas nos métodos naturais. Os problemas conjugais devem centrar-se no casal e nunca no recurso fácil ao medicamento ou à técnica. A contracepção assim proposta é pois mais um elo no caminho de perfeição, tal como o apelo à pobreza cristã ou ao amor total que deve ser o objectivo e o fundamento da família igual ao de Cristo pela sua Igreja. Simplesmente toda essa teoria não deve ser apresentada em critérios meramente moralizantes e com rigidez de anátema, acentuando mais a recusa do método do que o sentido com que é utilizado.

Se assim for, teremos de condenar, pelo menos com a mesma veemência, as formas de opulência e bem estar da nossa sociedade perante um mundo de múltiplas carências.

Até porque não poderemos desligar este planejar da família duma maior responsabilidade pelo filho, mesmo antes de ele nascer. Sem pretender que o filho programado é necessariamente o mais amado julgamos que todo o acolhimento é preparado no sonho e no desejo amadurecido no tempo. Isto está de acordo com o reconhecimento das competências do

feto e do recém nascido e da importância que para ele tem a transmissão desta felicidade pela gestação, vivida desde o início, que são claras aquisições deste final do século.

Este acolhimento passa assim a ser outro grande apelo para sair de si e não ficar na mediocridade fechada, na felicidade a dois... Novamente os equilíbrios são postos em causa e o casal é obrigado à disponibilidade e atenção a um outro que muda de exigências e respostas com a sua própria idade... Mais uma vez cada um deve estar disposto a passar do filho ideal para o filho real aceitando em conjunto fracassos possíveis. Desde logo terá que aprender a ligar-se intimamente ao filho e simultaneamente a preparar-lhe o caminho da autonomia. Toda esta filosofia relacional é hoje mais clara para o casal que agora se preocupa com comportamentos e reacções que antigamente eram perfeitamente menosprezados. Esta atenção manifestada em reuniões de pais só é prejudicada quando a preocupação pela nota e pelo progresso a qualquer preço na carreira escolar, oblitera a dimensão de educação global.

Toda esta evolução em curso é um motivo de esperança.

É evidente que há crianças batidas, casais separados que fazem dos filhos uma coisa que se divide com qualquer bem material, crianças abandonadas... Mas talvez hoje estejamos mais sensíveis a todos estes atropelos e os orfanatos do tempo de Dickens, o abandono nas rodas do começo do século ou a exploração sem freio do trabalho de menores, sejam hoje capazes de ferir mais a nossa sensibilidade e por isso claramente reprobadas quando conhecidas.

### **c) Encontrar nos desvios um motivo de esperança.**

O prolongamento do período entre a adolescência e a idade adulta e a falta de adaptação dos conceitos tradicionais da família pós-revolução industrial a uma época mais personalizada, exigindo outras razões e outra justificação para comportamentos que eram muitas vezes só formais, levou a revoltas e a contestações. A tensão entre pais e filhos a nível individual, de que as cartas a Milena de Kafka são o paradigma, tornaram-se depois colectivas. O movimento Hippy e mesmo a revolta do Maio 68 são a sua expressão mais conhecida. Contestavam de modo absurdo uma sociedade

pós-guerra que não correspondia às esperanças de um mundo democrático, dialogante, tolerante, perfeito. Tinha acabado o horror da morte programada filha da prepotência e do mal absoluto que foi a tentativa de destruir homens só porque eram de etnia e religião diferentes. A sociedade procurava o esquecimento lançando-se numa luta pela prosperidade económica por qualquer preço. Por isso mesmo alguns que fizeram o movimento Hippy embora por meios desviados contestaram todos esta perspectiva procurando dizer que aquilo que desejavam era uma sociedade sem aquelas regras nem aqueles limites tentando ressuscitar o paraíso perdido no passado, agora sonhado como futuro. Mais tarde os meios estudantis dos finais dos anos sessenta perante uma sociedade que estava a engolir os míticos guerrilheiros da libertação dos povos e já descrente da utopia marxista reage contra um mundo magro de esperança. Na busca tumultuosa de uma libertação que não identificava correctamente, tentava encontrar no encontro sexual de acaso, a solução para um futuro que procurava o consumo e que só prometia competição, sem nenhum objectivo idealizável.

Penso igualmente, que o actual grande drama da droga se insere no desespero perante uma sociedade que fecha as pessoas em cidades de multidões, reunidas em espaços sem comunicabilidade nem horizontes. As casas são pequenas, os metros e os transportes públicos são massificantes, os empregos são unicamente meios para ganhar dinheiro e cada vez menos seguros. Perdeu-se por outro lado a noção da mediação do tempo. As coisas são promovidas para obter já, sem que seja obrigatório passar por um tempo de sonho em que se projecta, trabalha e aceita uma relativa privação em função de um bem futuro. Assim a droga é apresentada como um meio fácil de atingir o êxtase imediato, sem aparentes custos iniciais, às vezes mesmo na ilusão de um grupo que se propõe acabar com a solidão e o isolamento.

Não queremos simplificar e esquecer a pressão das multinacionais que enriquecem e por isso procuram difundir a droga. O interesse económico das populações que a cultivam e que recebem mais por isso do que pela cultura e alimentos. Não desconhecemos também que se fala hoje em factores genéticos fragilizantes. Mas a componente relacional que é revelada em muitas histórias de toxicod dependentes mostra que será por aí que deve começar a profilaxia. A clareza com que hoje se começa a ver tudo isto é um desafio à família e simultaneamente entronca-se no que já

dissemos sobre a sua essência como relação interpessoal que começa a educar-se desde o nascimento. Assim, paradoxalmente, um dos grandes motivos de sofrimento de muitos lares dos nossos dias, tem resposta através do aprofundamento do que considerámos a grande esperança da família actual.

#### **d) O apoio aos diminuídos como a grande Esperança.**

Outro enorme problema que enfrenta a família de hoje, é a sua aparente dificuldade para aceitar e cuidar dos mais diminuídos, sejam eles crianças com deficiência ou velhos com progressiva incapacidade física.

É certo que ao conseguir melhorar-se a mortalidade infantil se reduziu o número de deficientes, já que é sabido que a morbilidade é dupla da mortalidade. Mas continua a persistir um grande número de anomalias genéticas ou intrauterinas não resolúveis até este momento. Do mesmo modo o progresso nos cuidados médicos e das condições de sanidade, aumentou sensivelmente a idade média da vida humana.

Assim a família vê-se confrontada com o cuidado de pessoas dependentes que vão mais uma vez pôr em relevo as dificuldades condicionadas pela sua actual estrutura ou monoparental, ou com trabalho profissional de ambos os cônjuges, de casas relativamente pequenas, sem apoios de uma comunidade solidária.

Nenhuma destas dificuldades é superada pela eventual alteração positiva das condições económicas de grande parte da população, até porque, os apoios sociais para crianças deficientes e com doenças crónicas ou principalmente para os velhos a necessitarem de cuidados, na prática são sempre insuficientes ou meramente teóricos. Funcionam como as leis perfeitas que acabam por não ser exequíveis, por ausência de regulamentação. E mesmo quando existem algumas soluções, elas acabam por privilegiar os que habitam próximos dos grandes centros, esquecendo as dificuldades dos casos dispersos. A tudo isto veio juntar-se o conceito de eficácia, de sucesso, de êxito, de produtividade que faz com que a nossa sociedade seja menos tolerante para a menor capacidade de alguns. Assim, a abertura para os direitos do homem, para a promoção da mulher ou para a ajuda nas situações de risco, é

contraditoriamente acompanhada pela dificuldade de aceitar o fracasso, a menor valia o «anormal», o mais velho.

No caso da criança, o medo da anomalia e a esperança exagerada na eficácia da intervenção médica torna difícil o trabalho de luto do filho ideal, de perfeição insuperável. Promove assim a rejeição daquele ser que antigamente se aceitava como fazendo parte do risco da fecundidade. Torna mais fácil a culpabilização do outro, quer esse outro seja o cônjuge, quer ele corporize no médico ou no sistema de saúde que não tratou, não ajudou, não previu.

No caso do velho, a noção da sua incapacidade e inutilidade e mesmo a recusa de aceitar a diminuição, a doença, o sofrimento, a morte, facilita a marginalização afectiva e a transferência para o Estado, da responsabilidade de cuidar destas pessoas que são o contrário das imagens de eficácia e juventude proclamadas nos “spots” publicitários.

Assim a pressão da sociedade que não assumiu claramente a sua quota parte de ajuda perante o fracasso, para além do clima conflitual que desencadeia, desenvolve as condições para crescerem os conceitos eugénicos. Não admira pois que quer no feto quer no velho, a solução que aceita a sua eliminação tenha feito caminho através de leis do aborto e da eutanásia. E o que está em causa no caso dos fetos, não é o discernimento natural entre a anomalia inviável e aquela que permite uma relação e uma vida prolongadas embora com limitações. No velho, também se não procura a diferença entre uma terapêutica desproporcionada ou excessiva em fase de doença prolongada, e os cuidados mínimos compatíveis com a dignidade humana.

Nem sequer se põe em questão o problema de culpabilizar sem perdão quem no desespero e na falta de soluções de apoio escolheu o aborto ou desejou a morte. O grande problema é que o apelo para sair de si que é a fonte da vida da família, na sua proposta de abertura ao outro, aos eventuais filhos, aos mais velhos e mais carenciados, é assim destruído corroendo a sua razão de ser. Por isso mesmo esta problemática é um dos pontos fulcrais e decisivos.

Mas não haverá também aqui sinais de esperança?

Pensamos que sim.

O desenvolvimento de múltiplas associações de apoio ao deficiente (APPDACDM; paralisia cerebral, crianças autistas, deficientes auditivos e deficientes visuais) teve o seu ponto de partida em famílias a quem seu problema pessoal despertou para a ajuda solidária. Serão essas famílias que ao recusar o caminho da eliminação mais ou menos eugénica, irão assumir a esperança, mudando as mentalidades. O mesmo se poderá dizer do caminho que se tem feito no espírito da adopção fazendo desta um bem talvez ainda maior para o casal que acolhe, do que para o filho acolhido. Assim, lares e casas para receber órfãos ou maltratados, começam a ser vistos como soluções de emergência necessárias enquanto não for possível a integração numa família. Só em casos limites terão que ser colocações definitivas. Por isso se há que saudar a sua proliferação e melhoria de condições aparecem hoje mais como entidades salvadoras de carácter transitório do que como refúgios até à formação profissional. E a família aparece assim mais uma vez dignificada como a meta e o lugar de educação para o futuro.

No caso dos velhos também hoje se desenvolve a ajuda em casa aos acamados, doentes ou em solidão e simultâneamente se cria o espírito que permitirá uma política de cuidados continuados para os que sofrem de grande incapacidade ou doença incurável.

Todas estas iniciativas são o espelho de um outro olhar mais humano que nos parece motivo de grande esperança. Mostram também uma sensibilidade que não existia antes da nossa época.

Na realidade todos estes problemas tornaram a família o verdadeiro motor de uma nova evangelização já que evidenciaram que é nela que reside a marca e o sentido do essencial da vida humana. E o essencial é a possibilidade de experimentar e manter viva uma relação de amor-caridade que nos foi proclamado como o mandamento sem o qual a salvação não é possível.

É esta a Grande Esperança que através dos caminhos incertos deste século, nos permite antever em cores de Aurora o novo milénio.



## BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA SANTOS, AGOSTINHO, *Fecundidade e Família Presente e Futuro*, Coleção Estudos e Documentos - II Série nº 13 - Ministério do Emprego e Segurança Social - Direcção Geral da Família - 1994.

MAGALHÃES, VASCO PINTO - GAMA, M. DO ROSÁRIO - SÁ, EDUARDO - BISCAIA, JORGE, *Encontro com a ternura*, Fundação Bissaya Barreto - 1992.

TASSEAU, BOUGAND, LEGALL, VESPIEREN, *États Végétatifs Chroniques*, Éditions ENSP, Rennes 1991.

SAUVY, ALFRED, *La Révolte des Jeunes*, Calmann-Levy, 1970.

THEVENOT, XAVIER, *Repères Éthiques pour un monde nouveau*, Salvator, Mulhouse 1982.

Obrigado a ti, mulher,  
pelo simples facto de seres mulher!  
Com a percepção que é própria da tua femi-  
nilidade,  
enriqueces a compreensão do mundo  
e contribuis para a verdade plena  
das relações humanas.

João Paulo II,  
Carta do Papa às Mulheres do Mundo Inteiro

# A ORAÇÃO NA FAMÍLIA

P. PEDRO FERREIRA

## Introdução

A Liturgia é o cume e a fonte da oração familiar. A família é o santuário doméstico da Igreja, espaço e tempo de culto cristão. Sempre que a família se reúne para a oração acontece algo que a transcende e a diviniza, tornando-a mais humana e mais familiar. A oração ocupa um lugar importante na vida da família e importa conhecer as ocasiões, os ritmos, as formas e os conteúdos dessa oração para melhor se entender a família.

A nossa análise limita-se ao Ritual do Matrimónio, à Liturgia das Horas, às Bênçãos da Família e aos últimos documentos do magistério da Igreja sobre a Família.<sup>1</sup> Encontraremos nestes textos os elementos essenciais do que se pode entender da Oração da Família na perspectiva da Igreja.

---

<sup>1</sup> *Familiaris Consortio* e *Carta às Famílias* de João Paulo II e o *Catecismo da Igreja Católica*.

## A FAMÍLIA NASCE NA ORAÇÃO DA IGREJA

A Igreja entende a família a partir do conceito cristão de oração e por isso a acompanha por meio da oração, desde a sua geração para a vida até à consumação para a eternidade. Reza pelos que se preparam para o matrimónio, abençoa os noivos com uma celebração própria, e por meio do sacramento do matrimónio acompanha a constituição de cada novo lar. O diálogo salvífico entre Deus e o homem, que define a oração cristã e envolvem as pessoas do Pai e do Filho e do Espírito Santo, encontra na oração da família uma expressão e realização concreta.

A admoção inicial do Ritual do Matrimónio esclarece o significado do rito: «reunimo-nos com alegria na casa do Senhor para participarmos nesta celebração, acompanhando *N. e N.* no dia em que se propõem constituir o seu lar. Esta hora é para eles de singular importância. Acompanhem-os com o nosso afecto e amizade e com a nossa oração. Juntamente com eles escutemos a Palavra que Deus hoje nos vai dirigir. Depois, em união com a Santa Igreja, por Jesus Cristo, nosso Senhor, supliquemos a Deus Pai que acolha benignamente estes seus servos, que desejam contrair Matrimónio, os abençoe e os una para sempre».<sup>2</sup>

A oração dos noivos, unida à de toda a Igreja reunida, realiza o sacramento do Matrimónio: «Atendei, Senhor, as nossas súplicas: derramai benignamente a vossa graça sobre os vossos servos *N. e N.* que hoje se unem em matrimónio junto do vosso altar».<sup>3</sup>

O casamento no sacramento do Matrimónio é expressão de fé no mistério de Deus e dos seus desígnios sobre o homem: «Pelo sacramento do Matrimónio os esposos cristãos significam e participam no mistério da unidade e do amor fecundo entre Cristo e a Igreja».<sup>4</sup> Por meio da celebração os esposos assumem-se como sacramento de Cristo e da Igreja: «Assim como Cristo amou a Igreja e se entregou a Si mesmo por ela, assim, pelo sacramento do Matrimónio, o Espírito

---

<sup>2</sup> RM, 52.

<sup>3</sup> Col. n. 225 e cf. n. 226.

<sup>4</sup> RM, *Preliminares*, 8.

Santo faz que os esposos cristãos, dotados de igual dignidade, mútua doação e indiviso amor que brota da fonte divina da caridade, se esforcem por alimentar e promover a sua união conjugal; e assim, partilhando juntamente as realidades divinas e humanas, na prosperidade e na provação, perseverem fiéis de corpo e espírito». <sup>5</sup>

A comunhão de vida desejada pelos noivos e estabelecida entre os esposos são revelação da comunhão que Deus deseja ter com os homens e realiza nos esposos: «O verdadeiro culto do amor conjugal e todo o sentido da vida familiar, sem menosprezar os outros fins do Matrimónio, tende a que os esposos cristãos se disponham, com fortaleza de ânimo, a colaborar com o amor do Criador e Salvador, que por meio deles constantemente dilata e enriquece a sua família». <sup>6</sup>

É Deus que realiza o querer e o agir do homem que se dispõe a colaborar com os desígnios da providência. Deus quer no querer legítimo dos esposos: «Deus, que chamou os esposos ao Matrimónio, continua a chamá-los no Matrimónio. Os que casam em Cristo, procuram, em fidelidade à palavra de Deus celebrar frutuosamente, viver rectamente e testemunhar publicamente o mistério da união de Cristo e da Igreja. (...) “São irmãos que vivem juntamente, sem qualquer divisão quanto ao espírito ou quanto à carne. Mais, são verdadeiramente dois numa só carne e onde a carne é única, único é também o espírito”». <sup>7</sup>

A Igreja situa a vida matrimonial no projecto de Deus sobre a humanidade. Assim como a criação é revelação de Deus, toda a colaboração humana na obra da criação é revelação divina. A vida matrimonial não se pode conceber fechada sobre si mesma, mas aberta à comunidade humana e espiritual que nela tem origem: «O Matrimónio é ordenado ao crescimento e à santificação do povo de Deus. A sua celebração reveste por conseguinte um carácter comunitário. Não requer somente a participação dos esposos e das pessoas que lhes estão mais próximas, mas também da comunidade paroquial, pelo menos na pessoa de alguns dos seus membros». <sup>8</sup>

---

<sup>5</sup> RM, *Preliminares*, 9.

<sup>6</sup> RM, *Preliminares*, 10.

<sup>7</sup> [Tertuliano, *Ad usorem*, II, VIII: CCL I, 393] RM, *Preliminares*, 11.

<sup>8</sup> RM, *Preliminares*, 28.

Nascida no sacramento do Matrimónio, a família encontrará na oração o alimento para a vida familiar e a forma de levar à perfeição o sacerdócio baptismal dos fiéis, vivido no matrimónio-sacramento e que constitui para os esposos e para a família o fundamento da sua vocação e missão sacerdotal.<sup>9</sup> Por esse motivo, as famílias cristãs apresentam à Igreja as mães grávidas para que recebam a bênção dum parto feliz e voltam a apresentá-las depois do parto para receberem a bênção da gratidão. E apresentam os filhos para que recebam «do amor de Deus uma vida nova, pela água e pelo Espírito Santo».<sup>10</sup> A vida gerada pelo pai e pela mãe é agora enriquecida com uma vida nova que procede do Pai, do Filho e do Espírito Santo, sendo esta última vida um sacramento já anunciado na geração natural e revelado no Baptismo. Não se trata de duas gerações, como se a primeira fosse somente carnal e a segunda somente espiritual, mas duma só geração que é divina e humana na primeira, e material e espiritual na segunda. A carne gera carne e o Espírito gera Espírito e ambos estão presentes na geração do homem segundo a natureza e na geração do homem segundo a graça baptismal. São dois momentos duma mesma acção.

A família cristã que contraria esta ordem divina da criação natural e espiritual desfigura em si a imagem de Deus e nega pelas obras a fé que professa. O projecto de Deus a respeito do homem, tal como Cristo nos revelou, consiste em que todo o homem aceite e tenha Deus por Pai de todos. A oração do “Pai nosso” é rezada nos sacramentos da Iniciação Cristã com este significado: o baptizado é tão filho de Deus pela fé como filho do homem pela natureza. O crescimento humano integral reclama assistência material e espiritual: o necessário para o corpo e para o espírito. A oração do “Pai nosso” encerra a totalidade de Deus para o homem e Cristo ensinou-a para que o homem possa ter acesso aos bens de Deus, o maior dos quais é a filiação divina, seguida da herança celeste, a santidade que configura o homem com Deus, o reino de Deus já presente no tempo, a vontade de Deus no querer do homem, o pão de cada dia para o corpo e para o espírito, o perdão de Deus no perdão do homem e a ajuda na tentação para que se vença o mal. Esta verdade da fé é professada pelos baptizados em ordem à verdade da vida. A família é o lugar onde se gera a vida e se cultiva a ciência da vida que na oração se professa para ser invocada e alcançada.

---

<sup>9</sup> cf. João Paulo II, *Familiaris Consortio*, 59.

<sup>10</sup> RB 56.

A oração da família e pela família apresenta-se como uma acção prioritária na solicitude pastoral da Igreja. Dirigindo-se às famílias, o Papa recordou a importância da oração: «Esta *Carta às Famílias* quer ser, antes de mais, uma oração dirigida a Cristo, para que permaneça em cada família humana; uma súplica que Lhe é dirigida através da pequena família dos pais e filhos, para que habite na grande família das nações, a fim de que todos, juntos com Ele, possamos dizer com verdade: “Pai nosso”! É preciso que a oração se torne o elemento predominante do Ano da Família na Igreja: oração da família, oração pela família, oração com a família».<sup>11</sup>

## A FAMÍLIA APRENDE A REZAR NA IGREJA EM ORAÇÃO

«Convém que a família, qual santuário doméstico da Igreja, não se contente com a oração feita em comum; mas, dentro das suas possibilidades, procure inserir-se mais intimamente na Igreja, com a recitação dalguma parte da Liturgia das Horas».<sup>12</sup> O mandato da Oração das Horas refere-se a todos os cristãos, e embora a Igreja recomende esta oração particularmente aos ministros sagrados e comunidades religiosas, «igual recomendação é feita aos leigos».<sup>13</sup>

A oração familiar tem as características da família: «É uma oração feita em comum, marido e mulher juntos, pais e filhos juntos. A comunhão na oração é, ao mesmo tempo, fruto e exigência daquela comunhão que é dada pelos sacramentos do baptismo e do matrimónio. Aos membros da família cristã se podem aplicar de modo particular aquelas palavras com que Cristo promete a sua presença: “Se dois de vós se unirem na terra para pedir qualquer coisa, obtê-la-ão de meu Pai que está nos Céus, pois onde estiverem reunidos em meu nome, dois ou três, Eu estou no meio deles” (Mt 18, 19-20). A oração familiar tem como conteúdo original a própria

<sup>11</sup> *Carta às Famílias*, n. 4.

<sup>12</sup> IGLH, 27.

<sup>13</sup> IGLH, 32.

vida de família, que deve ser, em todas as suas fases, interpretada como apelo de Deus a uma resposta filial: alegrias e dores, esperanças e tristezas, nascimento e festas de anos, aniversários de núpcias dos pais, partidas, ausências e regressos, escolhas importantes e decisivas, a morte de pessoas queridas, etc., assinalam de facto a intervenção do amor de Deus na história da família, assim como devem marcar o momento favorável para a acção de graças, para a súplica, para o abandono confiante da família ao Pai comum que está nos céus. A dignidade e responsabilidade da família cristã como Igreja doméstica só podem, pois, ser vividas com a ajuda incessante de Deus, que não faltará, se implorada com humildade e confiança na oração». <sup>14</sup>

A oração feita na Igreja “casa de Deus” é o modelo e a fonte da oração da família “Igreja doméstica”: «Uma finalidade importante da oração da Igreja doméstica é a de constituir, para os filhos, a introdução natural à oração litúrgica própria da Igreja inteira, quer no sentido de os preparar para ela, quer para os habituar a praticá-la na vida pessoal, familiar e social. Daí a necessidade de uma participação progressiva de todos os membros da família cristã na Eucaristia, sobretudo na dominical e festiva, e nos outros sacramentos, em particular nos da iniciação cristã dos filhos. As directivas conciliares abriram nova possibilidade à família cristã, ao incluí-la entre os grupos aos quais se recomenda a celebração comunitária do Ofício Divino. Assim, está também ao cuidado da família cristã celebrar, mesmo em casa e de forma adaptada aos seus membros, os tempos e festividades do ano litúrgico. Para preparar e prolongar em casa o culto celebrado na Igreja, a família cristã recorre à oração privada, sob grande variedade de formas. (...) Além das orações da manhã e da noite são de aconselhar expressamente a leitura e a meditação da Palavra de Deus, a preparação para a recepção dos sacramentos, a devoção e consagração ao Coração de Jesus, as várias formas de culto à Santíssima Virgem, a bênção da mesa, as práticas de piedade popular. No respeito pela liberdade dos filhos de Deus, a Igreja propôs e continua a sugerir aos fiéis algumas práticas de piedade com solicitude e insistência particulares. Entre estas é de lembrar a recitação do Rosário: (...) Não há dúvidas de que o Rosário da bem-aventurada Virgem Maria deve ser considerado uma das mais excelentes e eficazes orações em comum, que a família cristã é convidada a rezar. Dá-nos gosto pensar e desejamos vivamente que, quando o encontro

---

<sup>14</sup> João Paulo II, *Familiaris Consortio*, 59.



familiar se transforma em tempo de oração, seja o Rosário a sua expressão frequente e preferida. Desta maneira, a autêntica devoção mariana, que se exprime nas relações sinceras e na imitação generosa das atitudes espirituais da Virgem Santíssima, constitui um instrumento privilegiado para alimentar a comunhão de amor da família e para desenvolver a espiritualidade conjugal e familiar. Ela, a Mãe de Cristo e da Igreja, é também, de facto, de forma especial, a Mãe das famílias cristãs, das Igreja domésticas». <sup>15</sup>

## A FAMÍLIA ENSINA A REZAR EM IGREJA

O Catecismo da Igreja Católica apresenta a família como a primeira escola de oração: «A família cristã é o primeiro lugar da educação para a oração. Fundada no sacramento do Matrimónio, a família é a “igreja doméstica” em que os filhos de Deus aprendem a orar “em igreja” e a perseverar na oração. Particularmente para os filhos jovens, a oração familiar quotidiana é o primeiro testemunho da memória viva da Igreja, pacientemente despertada pelo Espírito Santo». <sup>16</sup>

Sem esta primeira escola de oração familiar, torna-se muito difícil a iniciação na vida de oração. A doutrina da Igreja é muito clara: «Os pais cristãos têm o dever específico de educar os filhos para a oração, de os introduzir na descoberta progressiva do mistério de Deus e no colóquio pessoal com Ele. (...) Elemento fundamental e insubstituível da educação para a oração é o exemplo concreto, o testemunho vivo dos pais: só rezando em conjunto com os filhos, o pai e a mãe, enquanto cumprem o próprio sacerdócio real, entram em profundidade no coração deles, deixando marcas que os acontecimentos futuros da vida não conseguirão fazer desaparecer». <sup>17</sup>

As bênçãos previstas para a família são um contributo à oração da família. O Ritual das Bênçãos prevê uma grande variedade de

---

<sup>15</sup> João Paulo II, *Familiaris Consortio*, 61.

<sup>16</sup> CIC 2685.

<sup>17</sup> João Paulo II, *F C*, 60.

bênçãos para a família:

- Bênçãos da família
- Bênção anual das famílias nas suas próprias casas.
- Bênção dos esposos
- Bênção das crianças
- Bênção dos filhos
- Bênção dos noivos
- Bênção da mulher antes ou depois do parto
- Bênção das pessoas idosas que não saem de casa
- Bênção dos enfermos
- Bênção dos que vão partir de viagem
- Bênção no começo da obra de um novo edifício
- Bênção de uma nova casa
- Bênção de uma oficina, estabelecimento de comércio ou de serviços
- Bênção de quanto se relaciona com as deslocações humanas
- Bênção de alguns instrumentos técnicos
- Bênção dos instrumentos de trabalho
- Bênção dos animais
- Bênção dos campos, das searas e das pastagens
- Bênção na apresentação dos frutos novos
- Bênção da mesa

Todas estas bênçãos podem ser celebradas pelos fiéis leigos: homem ou mulher, pai ou mãe, pais ou filhos, conforme a bênção e a circunstância.

A oração de bênção tem uma estrutura comum a todas as bênçãos: na primeira parte proclama-se a palavra de Deus, e na segunda proclama-se o louvor da bondade divina e faz-se a petição do auxílio celeste. Alguns ritos breves introduzem e concluem estas duas partes.<sup>18</sup> «A primeira parte tem o objectivo de fazer com que a celebração seja verdadeiramente um sinal sagrado, que toma o seu pleno sentido e eficácia da proclamação da palavra de Deus».<sup>19</sup> «A segunda parte tem por objectivo, mediante ritos e preces, louvar a Deus

---

<sup>18</sup> Cf. *Preliminares*, 20.

<sup>19</sup> *Preliminares*, 21.

<sup>20</sup> *Preliminares*, 22.

e obter o seu auxílio por Cristo no Espírito Santo».<sup>20</sup> «Nas celebrações propostas, os elementos principais, isto é, a proclamação da palavra de Deus e a oração da Igreja, que nunca podem ser omitidos, mesmo nas celebrações mais breves, devem distinguir-se cuidadosamente dos outros elementos».<sup>21</sup>

Para a bênção da mesa são apresentados quatro esquemas: o primeiro retoma a oração tradicional da bênção da mesa com formulários diferentes para o almoço e o jantar, para antes e depois, e com variantes para os diferentes tempos litúrgicos. O segundo esquema consta de um breve texto da Escritura e uma oração de bênção para antes da refeição e uma oração de acção de graças para depois da refeição. Estas orações de bênção e acção de graças variam conforme os tempos litúrgicos. O terceiro esquema consta de dois versículos dialogados e uma oração, com textos diferentes para antes e depois das refeições, mas com formulário igual para todas as refeições e tempos litúrgicos. O quarto esquema apresenta várias orações de bênção à escolha para antes das refeições e outras de acção de graças para depois. Este é o esquema mais simples e acessível, porque a única aclamação prevista para os comensais é o *Amen* à oração.

A bênção da mesa pode constituir um momento orante de grande recurso familiar, dada a importância das refeições que congregam a família. A sua brevidade e simplicidade pode servir de estímulo para outros momentos orantes da família. A família que reza à mesa, sentirá necessidade de rezar noutros momentos importantes para a vida familiar.

## A FAMÍLIA TERMINA NA ORAÇÃO DA IGREJA

A família que nasce e cresce na oração, sente uma necessidade crescente de oração e esta carência acentua-se com a idade, a diminuição da vitalidade, a doença e a própria morte. Por este motivo a prática da oração é mais frequente e intensa na idade da maturidade

---

<sup>21</sup> *Preliminares*, 23.

plena do homem. Esta prática orante, tão característica dos últimos tempos do homem, encerra uma pedagogia muito importante. Estes orantes escolhem a oração para proclamar os verdadeiros valores da vida. E o ensino que resulta do seu testemunho orante é decisivo para a vida da família, que retoma a oração como uma forma de vida e uma herança familiar. A Igreja acompanha esta evolução da família com a correspondente oração: bênção dos idosos, dos enfermos, sacramento da unção, viático, encomendação da alma e exéquias, oração pelos defuntos no sétimo dia, no aniversário e em cada celebração da Eucaristia e das Vésperas. São momentos de intensa oração que acompanham a vida da família e a introduzem na plenitude da família na oração celeste que reúne os filhos na casa do Pai, numa única família que é trinitária: Pai, Filho e Espírito Santo, que assim como era no princípio, deve ser agora e para sempre. Amen.

A oração precede o nascimento da família, acompanha-a ao longo da vida e segue-se ao desenlace do agregado familiar. A oração desempenha na vida da família a mesma função que a liturgia desempenha na vida da Igreja. A Igreja em oração é a imagem perfeita da família cristã, onde os elementos visíveis são elevados à dignidade de sinais sacramentais, capazes de comunicar o que significam e aptos a realizar o que anunciam. A Igreja reza para ser Igreja e dessa prática resulta uma pedagogia muito importante: a família é chamada a rezar para ser família, porque a oração é um elemento integrante da família. Sem oração não é possível a subsistência da Igreja ou da família: historicamente, verifica-se que em ambos os casos os momentos altos e gloriosos coincidem com os grandes momentos de oração. Na oração acontece o mistério pascal de Cristo: Deus salvador no homem redimido, Deus todo no homem todo, Deus trindade na família, Deus uno na união da família, Deus em diálogo com o homem na oração dialogada dos membros da família. A oração faz a família.

# NENHUM HOMEM COMO ESTE HOMEM

«Nunca homem algum respeitou os outros homens como este Homem. Para ele, o outro é sempre mais e melhor que aquilo em que as ideias recebidas, mesmo de sábios e doutores da Lei, tendem a reduzi-lo. Naquele ou naquela que encontra vê sempre um lugar de esperança, uma promessa viva, uma possibilidade extraordinária, um ser chamado, para além e apesar dos seus limites, dos seus pecados, e até mesmo, dos seus crimes, a um futuro sempre novo. Leva-o mesmo a discernir qualquer segredo maravilhoso cuja contemplação o mergulha na a acção de graças!

Ele nunca diz: esta mulher é leviana, superficial, idiota, está marcada pelo atavio moral e religioso do seu meio, não é mais que uma mulher. Ele pede-lhe um copo de água e mete conversa.

Ele não diz: eis uma pecadora pública, uma prostituta atolada para sempre no seu vício. Ele diz: ela tem mais hipóteses de esperar o Reino de Deus do que aqueles que se fiam da sua riqueza ou se cobrem com as suas virtudes e o seu saber.

Ele não diz: aquela não passa de uma adúltera. Ele diz: Eu não te condeno; vai e não voltes a pecar.

Ele não diz: aquela que tenta tocar-me no manto não passa duma histérica. Ele escuta-a, fala-lhe e cura-a.

Ele não diz: esta viúva que coloca a sua moeda na caixa para as obras do templo é uma supersticiosa. Ele diz que ela é extraordinária e que faremos bem se imitarmos o seu dar sem esperar recompensa.

Ele não diz: estas crianças só fazem garotadas. Ele diz: deixai-as vir a mim e esforçai-vos por ser como elas.

Ele não diz: este homem não passa dum funcionário desonesto que enriqueceu valendo-se do poder e à custa dos pobres. Ele senta-se à sua mesa e confessa-lhe que a salvação entrou na sua casa.

Ele não diz como os que o rodeiam: este cego, certamente, paga pelas suas faltas ou as dos seus antepassados. Ele diz que se enganam totalmente; e causa admiração em todos, os seus apóstolos, os escribas e os fariseus, demonstrando abertamente como este homem goza do favor de Deus. *Era preciso que a acção de Deus se manifestasse nele.*

Ele não diz: este centurião não passa de um colonizador. Ele diz: nunca vi tanta fé em Israel.

Ele não diz: este sábio não passa dum intelectual. Ele abre-lhe o caminho para um renascimento espiritual.

Ele não diz: este indivíduo não passa dum fora-da-lei. Ele diz: hoje mesmo estarás comigo no Paraíso.

Ele não diz: este Judas não será senão um traidor. Ele aceita o seu beijo e diz-lhe: amigo.

Ele não diz: este fanfarrão é um renegado. Ele diz-lhe: Pedro, tu amas-me?

Ele não diz: estes sumo-sacerdotes não passam de juízes iníquos, este rei é um autêntico boneco, este procurador romano não tem qualquer valor, esta multidão que me acusa é uma verdadeira população, estes soldados que me maltratam não passam de uns carrascos. Ele diz: Pai, perdoa-lhes porque não sabem o que fazem.

Jesus nunca disse: não existe nada de bom naquilo, neste lugar, naquele sítio. Nos nossos dias ele nunca diria: não passa dum integrista, dum modernista, dum militante de esquerda, dum fascista, dum céptico, dum beato... Para ele, os outros, quem quer que sejam, quaisquer que sejam os seus actos, o seu estatuto social, a sua reputação, são sempre seres amados por Deus.

Nunca nenhum homem respeitou os outros como este homem. Ele é único. Ele é o Filho único d'Aquele que faz brilhar o seu sol sobre os bons e sobre os maus.

Senhor Jesus Cristo, Filho de Deus, tende piedade de nós, pecadores!».

# NA ESCOLA DOS ORANTES

P. AGOSTINHO LEAL

## 1. Meninos, quereis ser meus mestres?

Há quase dois anos e meio que vivo em Fátima. Este é, sobretudo, um lugar de oração. A este «altar do mundo» vem rezar gente de todo o mundo. Maria, Mãe de todos os homens, é o ponto de encontro de quem chora, reza e canta a sua fé em Deus. Contudo, em Fátima, há uma lição de oração para aprender ministrada por umas crianças: Jacinta, Francisco e Lúcia. São três meninos, três crianças, que desde a sua experiência orante familiar e desde a sua amizade com Jesus e Nossa Senhora, se tornaram verdadeiramente fundadores duma escola de oração.

Eu sou um adulto, um matulão, que para falar de oração sempre me sento na carteira onde se aprende com os «doutores» João da Cruz, Teresa de Jesus, Isabel da Trindade, etc. Estudo o Jean Lafrance, o Inácio Larrañaga, o Pedro Finkler, o Xavier Pikaza, o Maximiliano Herraiz, o Augusto Guerra, etc. Tudo gente graúda, com licenciaturas e doutoramentos em filosofia, teologia e espiritualidade. Mas, confesso, sempre senti a necessidade de ouvir quem «não sabe nada», quem nunca escreveu nada nem fez da sua cabeça um depósito de esquemas ou sumários espirituais, mas vive uma história de amizade com Quem sabe

que os ama. É que, apesar da minha vida ir a meio, e já ter dado retiros, conferências e tentar ser um «director espiritual», sinto-me sempre reprovado diante de quem, a seu jeito e a seu modo, vive de forma total, pura e simples, este envolvimento do amor de Deus. A oração, a amizade com Deus, é para mim uma disciplina sem exame porque nunca termina.

Ao ler a *Carta do Papa às Crianças no Ano da Família* de 1994 fiquei positivamente incomodado com a admiração e interrogação de João Paulo II: «*Como é importante a criança aos olhos de Jesus! Poder-se-ia mesmo observar que o Evangelho está profundamente repassado da verdade sobre a criança.* Até seria possível lê-lo, no seu todo, como o «Evangelho da criança». Na verdade, que quer dizer: «Se não vos converterdes voltando a ser como as criancinhas, não podereis entrar no Reino dos Céus»? Porventura não apresenta Jesus a criança como modelo também para os adultos? Na criança, há algo que nunca poderá faltar em quem deseja entrar no Reino dos Céus. Ao Céu estão destinados aqueles que são simples como as crianças, todos os que são cheios de confiante abandono, ricos de bondade e puros como elas. Só esses podem encontrar em Deus um Pai, e tornarem-se, por sua vez, e graças a Jesus, igualmente filhos de Deus».<sup>1</sup>

Aqui, em Fátima, tenho-me encontrado ultimamente com umas crianças que sabem muito desta história de amizade com Deus: os pastorinhos. Por isso, fiz-lhes esta pergunta: meninos, quereis ser meus mestres?

## 2. Lúcia e os lugares de oração

Para além do livro *Memórias da Irmã Lúcia*<sup>2</sup> tenho o privilégio de me encontrar pessoalmente com a Irmã Lúcia, no Carmelo de Coimbra. Perguntei-lhe como se rezava na sua família. Ela respondeu: «A nossa oração **em família** era muito simples e humilde. Consistia numa série de

<sup>1</sup> *Carta do Papa às Crianças no Ano Internacional da Família*, Secretariado Geral do Episcopado, Ed. Rei dos Livros, Lisboa 1994.

<sup>2</sup> *Memórias da Irmã Lúcia*, 6ª edição, Vice-Postulação, Fátima 1990.



Pai Nossos, Avé Marias e Glórias que o pai rezava dando graças a Deus pelos benefícios recebidos e pedindo por várias intenções que ia enumerando. A seguir, a mãe entoava a reza das contas que, suponho, seria a coroinha de Nossa Senhora das Dores; nos outros dias rezava-se quando se podia e o trabalho o permitia. Fazia-se muito serão para dar despacho a trabalhos urgentes na eira, no tear e na costura. No mês de Maio rezavam-se as contas todos os dias em honra de Nossa Senhora, depois das graças que o pai dava no fim da ceia, a que vinham assistir muitas outras pessoas de por ali; no fim de cada mistério cantavam-se versos religiosos e rezava-se a Ladainha e a Salvé Rainha, e terminava-se pedindo a bênção a Nossa Senhora: «Minha Mãe, minha Senhora, sobre estes teus filhos lançai a vossa bênção carinhosa e do Céu, por graça, nos dai a vossa bênção de Mãe», e benzíamos-nos enquanto dizíamos: «Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo». Quando os sinos da Igreja tocavam a *O Anjo do Senhor*, interrompia-se o trabalho e rezavam-se três Avé Marias e a oração ao Anjo da Guarda: «Santo Anjo do Senhor, meu zeloso guardador, se a Ti me confiou a piedade divina, hoje e sempre me guarde, acompanhe e encaminhe».<sup>3</sup>

Sua mãe tinha o costume de a ter nos braços e ao seu colo aprendeu a Avé Maria. Durante o Verão, nas horas da sesta, ensinava aos seus filhinhos a doutrina; e no Inverno a lição era à noite. No feliz dia da primeira comunhão, antes de ir para a igreja, a mãe fez-lhe as últimas recomendações: «Disse-me o que queria que eu pedisse a Nosso Senhor quando o tivesse em meu peito e despediu-me com estas palavras: – Sobretudo, pede a Nosso Senhor que te faça uma santa – palavras que se me gravaram tão indeléveis, no coração, que foram as primeiras que disse a Nosso Senhor logo que O recebi. E ainda hoje me parece ouvir o eco da voz de minha mãe a repetir-mas».<sup>4</sup> Lúcia tinha então seis anos!

No dia anterior, depois de se confessar, ajoelhou-se diante da imagem da Senhora do Rosário, cujo altar as suas irmãs arranjavam e «pedi-lhe com todo o ardor de que fui capaz, que guardasse, para Deus só, o meu pobre coração».<sup>5</sup>

---

<sup>3</sup> *O que é Orar?*, *Cadernos de Oração*, 1, Ed. Carmelo, Paço de Arcos 1995, pp. 14-15.

<sup>4</sup> *Memórias, o.c.*, p. 56.

<sup>5</sup> *Ib.*, p. 55.

«Depois de termos merendado, combinámos ir rezar na **gruta** que ficava a outro lado do monte. Demos, para isso, uma volta pela encosta e tivemos que subir os rochedos que ficam ao cimo da Prégueira. As ovelhas conseguiram passar com muita dificuldade. Logo que aí chegámos, **de joelhos, com os rostos em terra**, começámos a repetir a oração do Anjo: meu Deus! Eu creio, adoro, espero e amo-Vos!...».<sup>6</sup>

Retirava-se também para **um lugar solitário, geralmente o poço da casa de seus pais**, e «aí, de joelhos, debruçada sobre as lajes que o cobriam, juntava às suas águas as minhas lágrimas e oferecia a Deus o meu sofrimento».<sup>7</sup>

«Posso dizer que foram verdadeiramente felizes para mim, esses dias em que só, no meio das ovelhinhas, **desde o cimo dum monte ou das profundidades de um vale**, eu contemplava os encantos do Céu e agradecia a nosso bom Deus as graças que de lá me tinha enviado».<sup>8</sup>

«Eu gostava, sempre que podia, de ir ao **Cabeço, à nossa lapa predilecta rezar**. Como a Jacinta gostava tanto de flores, à volta colhia um ramo, na encosta, de lírios e peónias, quando os havia, e levá-los, dizendo: - Toma! São do Cabeço».<sup>9</sup>

«Logo que pude, retirei-me para o Cabeço; **internei-me na caverna do rochedo**, para aí, a sós com Deus, desafogar a minha dor e derramar, com abundância, as lágrimas do meu pranto. Ao descer a encosta, tudo me recordava os meus queridos companheiros (Jacinta e Francisco) – as flores que eu já não colhia, por não ter a quem as levar; os Valinhos onde, juntos, tínhamos gozado as delícias do Paraíso».<sup>10</sup>

«Na véspera (da partida de Fátima) fui, pois, com o coração esmagado de saudades, despedir-me de todos os nossos terrenos, bem certa de que era a última vez que os pisava: do Cabeço, da Rocha, dos Valinhos, da Igreja paroquial, onde o bom Deus tinha começado a obra da sua misericórdia, e do Cemitério, onde deixava os restos mortais do meu querido Pai e do Francisco, que ainda não tinha podido esquecer. Do nosso **poço** despedi-

---

<sup>6</sup> *Ib.*, p. 62.

<sup>7</sup> *Ib.*, p. 64.

<sup>8</sup> *Ib.*, p. 76.

<sup>9</sup> *Ib.*, p. 93.

<sup>10</sup> *Ib.*, p. 94.

me já alumiada pelo pálido clarão da lua, da velha eira, onde tantas vezes tinha passado longas horas, contemplando o lindo Céu estrelado e as maravilhas do nascer e pôr do sol, que por vezes me encantava, fazendo brilhar os seus raios nas gotas de orvalho que pela manhã cobriam as montanhas, como se fossem pérolas e, à tarde, os flocos de neve, quando esta caía durante o dia, pendentes dos pinheiros, que faziam lembrar as belezas do Paraíso».<sup>11</sup>

### 3. Jacinta: amor a Jesus, oração e sacrifícios

Ao serão a mãe de Lúcia contava a história da Paixão. Jacinta, ouvindo contar os sofrimentos do Senhor, enterneceu-se e chorou com pena dizendo: «Coitadinho de Nosso Senhor! Eu não hei-de fazer nunca nenhum pecado. **Não quero que Nosso Senhor sofra mais**».<sup>12</sup>

Uma das brincadeiras de que mais gostava era ouvir o eco da sua voz no fundo dos vales. «**O nome que melhor ecoava era o de Maria**. A Jacinta dizia, às vezes, a Ave Maria inteira, repetindo a palavra seguinte só quando a precedente tinha acabado de ecoar».<sup>13</sup>

Também entoavam cânticos. «Jacinta preferia o **Salve Nobre Padroeira, Virgem Pura, Anjos cantai comigo**».<sup>14</sup> Quando a Lúcia se via em apertos por causa de não revelar o segredo, Jacinta e Francisco iam para junto do poço rezar.<sup>15</sup>

Tomou muito a sério os sacrifícios pela conversão dos pecadores. Por iniciativa da Jacinta faziam um dia de jejum,<sup>16</sup> davam a merenda a crianças pobrezinhas,<sup>17</sup> e não bebiam mesmo quando morriam de sede.<sup>18</sup> Todos os sacrifícios tinham um motivo: «Jacinta perguntava: Já disseste a Jesus que é por Seu amor? Se lhe dizia que não, respondia: Então digo-Lho

---

<sup>11</sup> *Ib.*, pp. 96-97.

<sup>12</sup> *Ib.*, p. 24.

<sup>13</sup> *Ib.*, p. 27.

<sup>14</sup> *Ib.*, p. 27.

<sup>15</sup> *Ib.*, p. 35.

<sup>16</sup> *Ib.*, p. 30.

<sup>17</sup> *Ib.*, p. 31.

<sup>18</sup> *Ib.*, p. 32.

eu. E punha as mãozinhas, levantava os olhos ao Céu e dizia: «**Ó Jesus, é por vosso amor e pela conversão dos pecadores**».<sup>19</sup> Na prisão de Ourém foi a primeira a pedir que se rezasse o terço, incluindo os outros presos.<sup>20</sup> Ela tinha afeição e arte para dançar; e, porque gostava muito, deixou de bailar «porque **quero oferecer este sacrifício a Nosso Senhor**».<sup>21</sup>

Os interrogatórios e as pessoas que os procuravam eram a causa de se refugiarem muitas vezes no Cabeço. Ali faziam orações e sacrifícios. Durante o recreio da escola a Jacinta gostava muito de ir visitar o Santíssimo. Dizia ela: «Parece que adivinham. Logo que a gente entra na Igreja, é tanta gente a fazer-nos perguntas! **Eu gostava de estar muito tempo sozinha, a falar com Jesus escondido**».<sup>22</sup> Estando já doente, disse à Lúcia: «**Gosto tanto de dizer a Jesus que O amo! Quando Lh'ó digo muitas vezes, parece que tenho lume no peito, mas não me queimo... Gosto tanto de Nosso Senhor e de Nossa Senhora, que nunca me canso de Lhes dizer que Os amo**».<sup>21</sup>

As orações e sacrifícios eram muitas vezes a favor de tanta gente que lhe pedia: «Um dia encontrou uma pobre mulher e, chorando, ajoelhou-se diante da Jacinta a pedir-lhe que lhe obtivesse de Nossa Senhora a cura duma terrível doença. A Jacinta ao ver de joelhos, diante de si, uma mulher, afligiu-se e pegou-lhe nas mãos trémulas para a levantar. Mas vendo que não era capaz, **ajoelhou também e rezou com a mulher três Avé Marias**; depois pediu-lhe que se levantasse, que Nossa Senhora havia de curá-la. E não deixou mais de rezar todos os dias por ela... Outra vez, era um soldado que chorava como uma criança. Tinha recebido ordem de partir para a guerra e deixava a sua mulher em cama, doente, e três filhinhos. Ele pedia ou a cura da mulher ou a revogação da ordem. A Jacinta convidou-o a rezar com ela o terço. Depois disse-lhe: Não chore. Nossa Senhora é tão boa! Concerteza faz-lhe a graça que lhe pede. E não esqueceu mais o seu soldado».<sup>24</sup> E as graças foram alcançadas.

---

<sup>19</sup> *Ib.*, p. 34.

<sup>20</sup> *Ib.*, p. 36.

<sup>21</sup> *Ib.*, p. 37.

<sup>22</sup> *Ib.*, p. 38.

<sup>23</sup> *Ib.*, p. 39.

<sup>24</sup> *Ib.*, p. 40.

Já na sua doença, impedida de ir à escola, pedia a Lúcia: «**Olha, diz a Jesus escondido, que eu gosto muito d'Ele e que O amo muito... Diz a Jesus que Lhe mando muitas saudades**». <sup>25</sup>

Francisco estava prestes a ir para o Céu. Ela fez-lhe as últimas recomendações: «Dá muitas saudades minhas a Nosso Senhor e a Nossa Senhora e diz-lhes que sofro tudo quanto Eles quiserem, para converter os pecadores e reparar o Imaculado Coração de Maria». <sup>26</sup>

Antes de partir para Lisboa e para o Céu, disse à Lúcia: No Céu «vou amar muito a Jesus, o Imaculado Coração de Maria, pedir por ti, pelos pecadores, pelo Santo Padre, pelos meus pais e irmãos e por todas essas pessoas que me têm pedido para pedir por elas». <sup>27</sup>

## **Francisco: amor ao recolhimento e a Jesus escondido**

Os lugares, as orações e sacrifícios de Lúcia e Jacinta foram também de Francisco. Era de um natural pacífico e condescendente. Gostava mais de tocar o pafarito do que de dançar: «No que ele se entretinha mais, quando andávamos pelos montes, era, sentado no mais elevado penedo, a tocar o seu pífaru ou a cantar... O que cantava com mais frequência era:

Amo a Deus no céu.  
Amo-O também na terra.  
Amo o campo, as flores.  
Amo as ovelhas na serra.  
  
Sou uma pobre pastora,  
Rezo sempre a Maria.  
No meio do meu rebanho,  
Sou o sol do meio-dia.

---

<sup>25</sup> *Ib.*, p. 41.

<sup>26</sup> *Ib.*, p. 43.

<sup>27</sup> *Ib.*, pp. 45-46.

Com os meus cordeirinhos  
Eu aprendi a saltar.  
Sou a alegria da serra,  
Sou o lírio do vale.<sup>28</sup>

Depois da aparição do Anjo, diz: «**Eu sentia que Deus estava em mim, mas não sabia como era!** E prostrando-se por terra, permaneceu por largo tempo, com a sua irmã, repetindo a oração do Anjo: Santíssima Trindade...».<sup>29</sup>

Depois da primeira aparição de Nossa Senhora, os pastorinhos sentiam «um não sei quê interior que os movia a calar». Quando lhe contaram o que Nossa Senhora tinha dito, ele sentiu-se muito contente com a promessa de ir para o Céu, e dizia: «Ó minha Nossa Senhora, terços, rezo quantos Vós quiserdes. E desde aí, **tomou o costume de se afastar de nós**, como que passeando; e se chamava por ele e lhe perguntava que andava a fazer, levantava o braço e mostrava-me o terço».<sup>30</sup>

Pelos mesmo dias, ao chegarem à pastagem, Francisco «subiu-se a um elevado penedo e disse-nos: «Vocês não venham para aqui; deixem-me estar sozinho».<sup>31</sup> E que fazia ele no cimo do penedo, sozinho? «**Estou a pensar em Deus que está tão triste**, por causa de tantos pecados! Se eu fosse capaz de Lhe dar alegria!».<sup>32</sup>

Na terceira aparição, enquanto Lúcia e Jacinta se impressionaram com a visão do inferno, «o que mais o impressionava ou absorvia era Deus, a Santíssima Trindade, nessa luz imensa que nos penetrava no mais íntimo da alma. Depois dizia: Nós estávamos a arder, naquela luz que é Deus, e não nos queimávamos. **Como é Deus! Não se pode dizer!** Mas que pena Ele estar tão triste! Se Eu O pudesse consolar!...».<sup>33</sup>

Francisco gostava mais de rezar sozinho. «Era de poucas palavras; e para fazer a sua oração e oferecer os seus sacrifícios, gostava de se

---

<sup>28</sup> *Ib.*, p. 122.

<sup>29</sup> *Ib.*, p. 124.

<sup>30</sup> *Ib.*, p. 124.

<sup>31</sup> *Ib.*, p. 125.

<sup>32</sup> *Ib.*, p. 125.

<sup>33</sup> *Ib.*, p. 129.

ocultar até da Jacinta e de mim. **Não poucas vezes o íamos surpreender, de trás duma parede ou dum silvado, para onde, dissimuladamente, se tinha escapado, de joelhos, a rezar ou a pensar, como ele dizia, em Nosso Senhor triste por causa de tantos pecados».**<sup>34</sup>

Para a escola ia com a Lúcia, mas, chegado à igreja, dizia-lhe: «Tu, vai à escola. **Eu fico aqui na igreja, junto de Jesus escondido.** Não me vale a pena aprender a ler; daqui a pouco vou para o Céu».<sup>35</sup>

Quando já se encontrava acamado, impossibilitado de ir à igreja, recomendava a Lúcia: «Vai à igreja e dá muitas saudades minhas a Jesus escondido. **Do que tenho mais pena é de não poder já ir a estar uns bocados com Jesus escondido».**<sup>36</sup>

Dois dias antes de morrer pediu para se confessar e comungar. «Depois de comungar, no dia seguinte, dizia para a irmãzinha: **Hoje sou mais feliz do que tu, porque tenho dentro de mim a Jesus escondido».**<sup>37</sup>

Este amiguinho do Jesus escondido gostava muito dos passarinhos, de ajudar os velhinhos e tinha muita pena dos doentes.

## Conclusões rápidas

– Aprender a orar, mais do que discursar ou filosofar, consiste em aprender a viver o acontecimento e dom da fé. O exemplo arrasta. Aprende-se a nadar, nadando; a andar, andando; a rezar, rezando. E eu pergunto-me: como é que se pode ensinar a rezar, sem rezar?

---

<sup>34</sup> *Ib.*, pp. 137-138.

<sup>35</sup> *Ib.*, p. 138.

<sup>36</sup> *Ib.*, p. 138.

<sup>37</sup> *Ib.*, p. 146.

– Não é preciso gastar rios de dinheiro para construir um lugar para rezar. Afinal, não é a natureza a catedral do Universo? Junto dum poço, no cimo dum penedo, atrás duma parede ou silvado, de dia ou de noite, junto duma cama ou na igreja, na catequese, na escola ou no serão familiar..., pode-se rezar. A questão essencial da oração não é o lugar, mas com Quem se está nesse lugar. Também me pergunto: não se têm gasto milhares de contos em «lugares de oração» para agora estarem às moscas? E estas rezam? Uma menina de dez anos sabia rezar em qualquer sítio!

– A oração é uma conjugação do verbo amar e sofrer. Orar amando é pensar e estar com Deus; orar sofrendo é estar como Jesus amando e dando a vida por todos. A oração é uma história de amor, onde se aprende a arte de saber olhar para o Crucificado e saber deixar-se crucificar. Pergunto-me: porque é que os que rezam andam a fazer uma história com tantas queixinhas? Uma menina de seis anos sabia muito bem o significado destas palavras: «Ó meu Jesus, eu vos amo»!

– A oração é consequência dum segredo, dum não sei quê, que levamos dentro de nós. É a presença e a felicidade de ter o Jesus escondido. É o cair na conta e na admiração: como é Deus! Não se pode dizer. Então, pergunto-me: tanto palavreado para quê? Por onde andamos à procura de Deus? Um rapazito de sete anos procurou-O no sacrário e dentro de si. Valente lição! A mesma lição que já havia ensinado o grande mestre João da Cruz: «Oh alma, formosíssima entre todas as criaturas, que tanto desejas saber onde está o teu Amado, a fim de O buscares e te unires a Ele, já te foi dito que tu mesma és o aposento onde Ele mora, o esconderijo onde está escondido».<sup>38</sup>

– Orar e amar consiste em aprender a consolar a Quem se ama. Num tempo em que tanta gente reza para ter consolações ou anda à procura de voos em sentido contrário ao do Presépio e do Calvário, repare-se nestas crianças que tanto queriam fazer a vontade de Deus e

---

<sup>38</sup> S. João da Cruz, *Cântico Espiritual*, 1, 7.



consolar Nosso Senhor! Afinal já uma doutora, Teresa de Jesus, tinha advertido: «É bom o que tenho dito: não nos apresentarmos a procurar consolações de espírito. Abraçar-se com a cruz, venha o que vier, é grande coisa».<sup>39</sup>

– Em Fátima, não há só cerimónias, a Capelinha das Aparições ou objectos religiosos. Existe o Jesus escondido, o Cabeço, o poço, os Valinhos, a Via Sacra, penedos, montes..., mas sobretudo a memória viva de três crianças que, apesar da sua tenra idade, são Mestres de oração.

---

<sup>39</sup> Santa Teresa de Jesus, *Livro da Vida*, 12, 10.

**Mas para chegar a este amor,  
a alma deve, primeiramente,  
entregar-se totalmente.  
A sua vontade deve estar docemente perdi-  
da na de Deus,  
de modo que as suas inclinações e  
faculdades  
já não se movam senão neste amor  
e por causa deste amor.  
Tudo faço com amor,  
tudo suporte com amor:  
tal é o sentido do que cantava David.  
Então, o amor enche-a a tal ponto,  
absorve-a e protege-a tão bem  
que encontra em toda a parte o segredo de  
crescer em amor,  
mesmo no meio das relações que tem com  
o mundo;  
no meio dos cuidados da vida está no direi-  
to de dizer:  
«a minha única tarefa é amar!»...**

# HEITOR PINTO

## O AUTOR HUMANISTA DA *IMAGEM DA VIDA CRISTÃ*\*

BERTRAND DE MARGERIE

Monje jerónimo<sup>1</sup> do mosteiro de Belém, em Lisboa, desde 1543, doutor em teologia, professor de Sagrada Escritura em Coimbra, em cuja universidade foi, também, reitor, provincial, partidário do prior do Crato depois da morte do cardeal-rei D. Henrique, excluído da amnistia de 1581 por Filipe II, exilado em Espanha,<sup>2</sup> viajante, Heitor Pinto (1526?-1584) deixou-nos comentários em latim sobre vários livros proféticos do Antigo Testamento e, sobretudo, a obra-prima que o imortalizou: a *Imagem da vida cristã*, escrita em 1563-1572.<sup>3</sup>

---

\* Este artigo foi traduzido do francês pela equipa de Redacção da *Revista de Espiritualidade*, depois de já ter sido publicado na língua original do seu autor em *Didaskalia*, 2, vol. XXI.

<sup>1</sup> Sobre a história das diferentes congregações de Jerónimos, ver o artigo de O. d'Allerit: «Hiéronymites», *DSAM* VII-1 (1969) 451-462.

<sup>2</sup> Por ocasião deste exílio, H. Pinto teria dito: «*El-Rei poderá meter-me em Castela, mas nunca meterá Castela em mim!*». Parece, além disso, que ele terá regressado a Portugal antes de morrer.

<sup>3</sup> Sobre a vida e as obras de Heitor Pinto, ver o artigo de Inácio de Madrid, *DSAM* XII-2 (1986) 1776-1778; segundo Francisco Leite de Faria, O.F.M.Cap., membro da Academia Portuguesa de História, ele terá tido pelo menos 19 edições em português da *Imagem da Vida Cristã*, das quais 13 no século XVI, e 12 em francês; teve pelo menos 46 edições (contando com as traduções) no século XVI; nenhuma outra obra escrita em português nesta época conheceu tantas edições («*O maior êxito editorial no século XVI em Portugal: a Imagem da Vida Cristã por Frei Heitor Pinto*», *Revista da Biblioteca Nacional* 2 [1987] pp 83 e 88). Ver também Isaías da Rosa Pereira e F. Leite de Faria, *IV Centenário de Frei Heitor Pinto (1526?-1584)*, Academia Portuguesa da História, Lisboa 1991. Não há uma edição crítica; nem sequer uma edição que indique com precisão as citações bíblicas e

Esta obra apresenta-se sob a forma de diálogos imaginários entre personagens que variam dum diálogo para o outro, constituindo onze tratados sobre a verdadeira filosofia, a religião, a justiça, a tribulação, a vida solitária, o pensamento sobre a morte, a sabedoria, a «discreta ignorância», a verdadeira amizade, as «causas», os verdadeiros bens e os falsos.

Referindo-se constantemente ao pensamento antigo e às Escrituras bíblicas, de que possui grandes conhecimentos, Pinto apresenta-nos o projecto existencial que elaborou para si mesmo e do qual nos quer fazer participar, porque deseja conduzir-nos, pela imitação das virtudes de Cristo, transfigurando as dos antigos, a uma felicidade terrena juntamente com provações e sobretudo à felicidade definitiva, a visão e o amor inacessíveis do Deus criador e salvador. Heitor deixou-nos entrever a relação entre estas duas bem-aventuranças numa das raras passagens netamente auto-biográficas da sua obra:

«... Os religiosos não-de ser abrasados nas gloriosas chamas do alto amor de Deus. Isto quis ele significar, quando mandava no Levítico que fossem queimados no fogo os animais que lhe eram oferecidos em sacrifício.<sup>4</sup> E os que estão inflamados nesta perfeita caridade alcançam o cume de Galaad,<sup>5</sup> quero dizer a perfeição da religião. E este modo escolhi eu de vida, para alcançar a verdadeira vida, por me parecer que se atalha por aqui mais e que é este um caminho direito para os bens eternos e nele vivo muito contente.

E prouvera a Deus que tal fora minha vida qual é a doutrina que eu recebi na religião, na qual sempre vi muita virtude, vinte anos há que nela vivo; ainda que não sei se diga que vivo, porque a vida dos que não dão verdadeiro fim a seus males, nem verdadeiro princípio a seus bens, parece que se deve chamar morte, que os tais muitas vezes deixam primeiro a vida que comecem de viver».<sup>6</sup>

---

clássicas, tão numerosas; citamos aqui a obra prima de H. Pinto a partir da edição assim chamada «Rollandiana» (2 vol.) de 1843, retomada por José V. de Pina Martins em 1984 na colecção «Tesouros de Literatura e História», Lello, Porto; Pina Martins explica nela (Introd., p. LIX) porquê é a melhor; mas nós indicamos também cada texto citado segundo a edição da colecção «Clássicos Sá da Costa», em 4 vol., Lisboa 1952<sup>2</sup> (prefácio de M. Alves Correia), principalmente porque modernizou a ortografia e está mais difundida. Abreviaturas: *IVC*, *TLH* e *SC*, respectivamente.

<sup>4</sup> Lv 1, 3-17; a passagem trata dos sacrifícios do holocausto; a exegese de H. Pinto remonta a Orígenes, *Homília I, 4 sobre o Levítico*.

<sup>5</sup> «Galaad é uma região montanhosa ao norte da Transjordânia», diz H. Cazelles, *Catholicisme* IV (1956) 1705. H. Pinto (*IVC*, *Diálogo da religião*, c. 4) explica largamente o simbolismo religioso desta montanha do testemunho (Gn 31, 47-48): o testemunho do fervor da caridade, contra o mundo.

<sup>6</sup> *IVC*, *Diál. da religião*, c. 4: *TLH*, I, 127; *SC*, I, 120-121.

Passagem extraordinária onde o autor une a satisfação e a insatisfação que o seu modo de vida terrena lhe inspira pela relação com a sua aspiração escatológica: «... *nele vivo muito contente... não sei se diga que vivo... a [minha] vida... parece que se deve chamar morte...*». Feliz por ter escolhido um caminho não indirecto, mas muito directo para a vida eterna; todavia triste por caminhar lentamente em vez de correr; sofrendo ainda de frieza, quando deveria estar inflamado de amor divino.

Ainda infeliz, mas já feliz – duma alegria frágil – na sua vocação, o padre Heitor Pinto oferece-nos uma preciosa mensagem de humanismo cristão que culmina numa cristologia. Vamos examiná-las sucessivamente antes de apresentar as características do seu estilo encantador.<sup>7</sup>

## O humanismo cristão de Heitor Pinto

1. O *ponto de partida* do pensamento do nosso autor é claramente socrático: o difícil dever de se conhecer a si mesmo. Mas a mensagem de Sócrates recebe-a dos Padres da Igreja:

«A verdadeira filosofia começa no homem pela consideração de si mesmo. Isto quis dizer S. João Crisóstomo quando afirmou que a primeira cousa do homem desejoso da sapiência é contemplar a si. E desta contemplação vem o homem em conhecimento de si mesmo que, como diz S. Basílio no seu *Exameron*, é a mais dificultosa de todas as cousas. Este é um alto conhecimento, conhecer um homem a si. Adão... pôs os nomes aos animais... e... não o pôs a si.»<sup>8</sup>

O autor insiste sobre a transcendência do homem em relação ao mundo visível para explicar esta dificuldade; insinua assim – antes de a

---

<sup>7</sup> S. Basílio, *Homília 9 sobre o Hexámeron*, trad. S. Giet, col. «Sources Chrésiennes», nº 26<sup>bis</sup>, Paris 1968<sup>2</sup>, p. 513: «Na verdade, parece que esta é, de todas as coisas, a mais difícil, a de se conhecer a si mesmo. Porque não só o olho que vê o exterior não julga da sua própria visão, mas o nosso espírito, pronto a perceber o pecado de outro, é lento em reconhecer as suas próprias imperfeições... O nosso discurso mostra-se preguiçoso, hesitante na procura do que nos toca pessoalmente. Por isso, o céu e a terra são menos aptos a fazer-nos conhecer Deus que a nossa própria constituição, para que se estude com inteligência». Ver também o texto em *PG* 29, 203.

<sup>8</sup> *IVC, Dial. da verdadeira filosofia* (Abrev. *DVF*): *TLH*, I, 35; *SC*, I, 38.

precisar mais tarde – a razão mais profunda da dificuldade: diferentemente dos seres somente materiais, e também dos animais, o homem foi dotado, desde o primeiro instante da sua criação, imediatamente, por Deus, duma alma imortal, puramente espiritual, destinada a sobreviver ao corpo; mas, capaz de dar o nome aos animais, ele não podia dar um nome a si mesmo.<sup>9</sup>

Conhece-te a ti mesmo. Pinto recorda-nos que esta sentença, atribuída a diversos filósofos, era tida por todos como divina: «*era tida por divina*». Apresenta-nos assim a opinião dos filósofos sobre o porquê da sua inscrição no frontispício do templo:

«... para significarem que, antes que cada um pedisse, olhasse para si e conhecesse quem era, porque de se não conhecer não saberia o que lhe cumpria, e de não saber o que lhe cumpria, viria a não atinar no que havia de pedir: donde procederia pedir cousas que, cuidando serem causa da sua bem-aventurança, fossem causa de sua desventura. Donde concluía que, se os homens não sabiam a Deus pedir, era porque se não sabiam conhecer, e não conhecendo a si não conheciam as outras cousas... E Platão diz que é coisa ridícula ignorar a si e querer conhecer os outros.<sup>10</sup>

Parágrafo excepcional, sublinhando, de entre os pensadores pagãos, uma certa consciência do condicionamento e da finalidade da oração de petição: se eu não conheço o que constitui o meu verdadeiro bem, não saberei pedi-lo e arrisco de pedir a Deus que me conceda o que seria o meu mal. Desde este ponto de vista, a ignorância de si, do seu verdadeiro fim, leva consigo a ignorância da verdadeira relação entre o mundo e o «eu», entre o «eu» e Deus. A procura da felicidade muda-se em perseguição da infelicidade.

A ignorância de si leva consigo, não somente a da oração eficaz e útil, mas também a falta dum amor ordenado para consigo próprio; e, inversamente, o amor desordenado a si mesmo fortalece em nós o desconhecimento de nós mesmos e, por conseguinte, suscita os conflitos:

«... A desordenada e sobeja afeição, posta como pasta diante dos olhos de nosso entendimento, nos impede a vista de nós mesmos, quer seja de ouro quer de chumbo, quero dizer, quer seja de cousas boas, quer de más, basta ser depravada afeição das criaturas.

<sup>9</sup>Cf. Gn 2, 19-23 e 3, 20: IVC, *ibid.*: «Muito mais facilmente entenderemos as naturezas das coisas, por escondidas e incógnitas que sejam, que a nós mesmos».

<sup>10</sup>IVC, DVF, c. 4: TLH, I, 41; SC, I, 43.

E de tal maneira nos cega, que quanto mais corremos para nos entender, tanto menos nos entendemos... E nisto andamos semelhantes à roda que vai correndo em voltas, que quanto vai após si, tanto vai fugindo de si, sem uma parte alcançar a outra, por ambas correrem igualmente. Assim que de nos não conhecermos nasce nossa discórdia... este desconhecimento lança entre nós o pomo da discórdia, porque como diz S. Gregório, a raiz da paz é a humildade, a qual nasce ao homem do conhecimento de si.<sup>11</sup>

A abundância e o encanto das imagens, longe de prejudicar o pensamento, servem-no maravilhosamente, e até mostra o quanto o nosso poeta prosador considera o animal racional, que é o homem, diante dos animais irracionais; estes não podem conhecer-se a si mesmos, ao contrário do homem; e este, desconhecendo-se, desconhece a transcendência da sua criação unitária:

«Qual é a causa por que, criando Deus juntamente as estrelas, e juntamente as plantas, e juntamente as aves, e juntamente os peixes, e juntamente os animais terrestres, não quis criar os homens juntamente<sup>12</sup> mas criou logo um somente, donde procedessem todos os outros? Qual foi a razão disto, senão querer-nos ensinar quanto lhe contentava em nós a unidade e concórdia, e que víssemos que era a sua vontade que a nossa de todos fosse só uma, e que todos fôssemos uma mesma cousa, e nos lembrasse que todos procedíamos de um mesmo pai e por tanto tivéssemos todos um só coração.

E esta é a causa porque criou o homem nu e sem armas, porque, como Deus é amor, como diz S. João (1Jo 4, 16), quis que o homem que ele criara à sua imagem e semelhança, amasse a ele sobre tudo e ao próximo como a si, e que finalmente fosse fundido no fogo<sup>13</sup> deste santo amor.

Donde vem que, trazendo os outros animais logo consigo sinais de guerra e discórdia, os touros cornos, os lobos dentes, os

<sup>11</sup> *IVC, DVF*, c. 6: *TLH*, I, 52-53; *SC*, I, 53.

<sup>12</sup> Criando os homens, não a partir de vários pares, mas dum só, Deus quis mostrar a unidade da raça humana e poupar-nos ao horror do racismo, mais ameaçador no contexto da hipótese poligâmica. Podemos observar, do mesmo modo, um paralelismo entre poligenismo e politeísmo, como inversamente, entre monogenismo e monoteísmo: alguns exegetas reafirmaram-no a propósito de Act 17, 26-27. O Deus único quis criar a humanidade a partir dum casal único para reunir todos os homens, descendentes deste casal, no seu Filho único, o novo Adão, no dia do julgamento (cf. Act 17, 31). É a mesma teologia que Paulo ensina aos atenienses e aos romanos, c. 5.

<sup>13</sup> A aliteração das quatro palavras que começam pela consoante *f* é, certamente, propositada: «*finalmente fosse fundido no fogo*». Também, no final do texto citado na nota 11, a aliteração «*posta-pasta*».

leões unhas, os ouriços cacheiros espinhos, os espins setas, e assim os outros animais, o homem, como foi criado para paz e concórdia, sai nu do ventre de sua mãe sem nenhuma arma.<sup>14</sup>

Interpretação muito sugestiva; o autor, sabendo e crendo que Deus é o único Autor supremo de todas as Escrituras que unifica,<sup>15</sup> lê a narração da criação e o livro do Génesis no contexto dos Actos dos Apóstolos (4, 32): «A multidão dos crentes tinha um só coração e uma só alma». Daí se conclui que, desde o princípio, o homem tinha sido criado e vinha ao mundo como um ser de paz, fisicamente desarmado. A união final entre homens de boa vontade estava de alguma maneira contida e pré-significada na unidade inicial do primeiro Adão, figura do segundo Adão unificador.

Segundo Heitor Pinto, tal como a ignorância de si leva à ignorância de Deus, também o conhecimento de si, inversamente, facilita a descoberta do Criador:

«... Porque nos convém entrar em nós e meter-nos no centro de nós mesmos, e daí passamos a Deus, para o conhecermos, e amarmos, e contemplarmos... Porque como o coração malicioso e depravado não veja a Deus, bem se segue que, não vendo um homem a si, não verá a Deus... assim o impuro não pode ver a suma pureza, e os olhos que são tão enfermos que não podem considerar e ver sua baixeza e miséria, mal verão a suma grandeza e divina majestade.

Porque nós, quanto mais por humildade descemos ao conhecimento de nós, tanto mais por contemplação subimos ao conhecimento de Deus.<sup>16</sup>

Estas linhas mostram-nos que o simples conhecimento da natureza espiritual da alma não basta para termos acesso a um conhecimento íntimo de Deus. Nós só podemos contemplar a sua misericórdia se reconhecermos a nossa miséria.

Contudo – sem dúvida sob a influência do platonismo que corresponde a certos aspectos do seu temperamento pessoal –, Pinto não acentua apenas a miséria da alma orgulhosa, mas também,

<sup>14</sup> *IVC, DVF*, c. 6: *TLH*, I, 50-51; *SC*, I, 51.

<sup>15</sup> Vaticano II, Const. *Dei Verbum* sobre a Revelação, § 12: «Para descobrir exactamente o sentido dos textos sagrados, é necessário prestar atenção à unidade de toda a Escritura».

<sup>16</sup> *IVC, DVF*, c. 4: *TLH*, I, 37-38; *SC*, I, 39-40.



provavelmente mais ainda, a do corpo, muitas vezes visto mais como um instrumento da alma que como uma parte do composto constituído pela pessoa humana; pelo menos, este último ponto não lhe passou despercebido:

«... ainda que a alma é a forma do homem e uma das partes de sua composição, todavia é tanto mais excelente que o corpo, que o homem se chama alma, e o corpo vaso e instrumento do homem.<sup>17</sup> Donde se colhe claramente que quem conhece somente seu corpo, não conhece a si, mas cousa sua, e que conhecer a si é principalmente conhecer sua alma e a nobreza e dignidade dela, e secundariamente conhecer seu corpo e sua fraqueza e miséria.

A nossa alma, deixadas as falsas opiniões dos gentios, é uma substância participante de razão, incorpórea, imortal, invisível, acomodada a reger o corpo, semelhante a Deus, criada dele de nada para os bens eternos, a qual tem a imagem de seu Criador. E por aqui vereis quão necessário é conhecermos quem somos, porque, vendo a dignidade da alma, e que somos criados para cousas altas e celestiais, não nos abateremos a terrenos baixezas; e, não fazendo caso das cousas temporais, suspiraremos pelas eternas; e, conhecendo a miséria do corpo, não nos alevantaremos em soberba».<sup>18</sup>

Uma imagem magnífica simboliza a transcendência do homem sobre os outros animais:

«... porque todos os que têm mãos andam com elas pela terra, senão o homem que as tem alevantadas. Que outra cousa nos quis nisto significar aquele alto Criador, senão que os brutos animais não nasceram para possuir senão a terra e por isso a trazem nas mãos».<sup>19</sup>

Temos de reconhecer, contudo, que algum platonismo ainda aqui deixou traços: a terra não é vista como um estrado do Reino dos Céus, nada indica – aparentemente – o dever de edificar a cidade terrena com vistas a construir e merecer o Reino definitivo depois da morte; trata-

---

<sup>17</sup> H. Pinto faz-nos observar (IVC, DVF, c. 5: TLH, I, 46-47; SC, I, 47-48) que a Bíblia chama ao corpo «vaso de argila» (2Cor 4, 7) e por diversas vezes (especialmente em Act 28, 44) parece identificar homem e alma. Acrescenta ainda uma ideia esquecida de Aristóteles: «No livro segundo De Anima veio a confessar que o corpo é instrumento da alma e no décimo das Éticas declara maravilhosamente a excelência da alma sobre o corpo e que enfiem o homem é a mesma sua alma».

<sup>18</sup> IVC, DVF, c. 5: TLH; I, 48; SC, I, 49.

<sup>19</sup> IVC, DVF, c. 6: TLH, I, 58; SC, I, 59.

se, para o nosso autor, de desprezar as realidade daqui de baixo: «*Não tocamos com as mãos na terra, para a ter e possuir, senão com os pés, para a calcar e desprezar*».<sup>20</sup>

2. Diante do apego excessivo às realidades terrenas e, sobretudo, diante da dificuldade de se conhecer a si mesmo, *como tornar-se*, segundo Heitor Pinto, *num humanista cristão digno deste nome?*

O autor sugere a propósito o exercício do discernimento nas leituras e o recurso ao sacramento da penitência.

À maneira dos Padres da Igreja que ele bem conhecia, Heitor Pinto não condena totalmente a leitura e a citação dos autores pagãos, com vistas à defesa da fé; mas, depois de enumerar os Padres que assim procederam, ele exprime, com alguns de entre eles, a convicção – desprovida de fundamento – que estes autores pagãos tinham sido influenciados pelas Escrituras: «*os mesmos gentios leram pela Santa Escritura, donde tiraram o bom que dizem*».<sup>21</sup>

Pelo menos ele tira um bom partido deste erro – em princípio, não se deve condenar a leitura de autores pagãos:

«E Santo Ambrósio... diz que lemos algumas cousas pelas não desprezarmos, e algumas pelas não ignorarmos, e algumas para as fugirmos. E pois tantos, e tão graves, e tão sábios, e tão santos doutores liam por livros dos gentios, e se aproveitavam deles, quem há aí que ouse reprender os que de quando em quando os lerem para se deles aproveitarem»?<sup>22</sup>

Como se vê, o autor louva uma atitude diferenciada a respeito da leitura dos autores não-cristãos da antiguidade; mas não parece que se recorde do que poderia chamar-se o «critério de verdade»: tudo o que é verdadeiro vem de Deus, seja qual for o autor humano que o disser. O ponto de vista que, pelo menos aqui, Heitor Pinto defende parece antes o do bom e do bem em vez do verdadeiro.

Ele apressa-se, ainda a acrescentar:

<sup>20</sup> *Ibid.*, TLH; I, 59; SC, I, 59.

<sup>21</sup> IVC, *Diál, da discreta ignorância*; c. 9: TLH, II, 255; SC, III, 56.

<sup>22</sup> *Ibid.*, TLH, II, 256; SC, III, 58.

«Verdade é que o principal estudo há-de ser por livros católicos, porque deixar os divinos pelos profanos é erro grave, em que muitos embicam, e outros caem.

Mas livros há aí que se não devem ler, e que é cargo de consciência embeber neles o tempo que se devia empregar em ler, e saber, e fazer cousas boas, que redundam em serviço de Deus e reformedora dos costumes, e proveito das almas. Livros há aí, de que se deve fugir como de peste, porque contam eles cousas, delas tão lascivas e desonestas, delas tão frívolas e vãs, delas tão falsas e enganosas, delas tão escandalosas e feias, delas tão perniciosas e prejudiciais, que é bom não as ler, nem as saber, nem as imaginar...

... De mim vos digo que tenho lido cousas que desejo de ver lançadas no rio Leteu, para nunca me lembrarem».<sup>23</sup>

Encontramos aqui o pensamento dominante do nosso autor: escrevendo na época do Renascimento, parece estar preocupado, sobretudo, em «limitar os estragos» resultantes duma leitura indiscriminada dos autores da antiguidade greco-latina; susceptíveis de serem alguma vez objecto de estudo, não poderão tornar-se – em geral – mestres de pensamento para o leitor cristão. Segundo o seu ponto de vista, uma «*discreta ignorância*» é bastante preferível.

Uma imagem, de novo, ilustra esta opinião:

«Os que deixam os livros católicos, e discretos, e proveitosos pelos profanos, e frívolos, e empecíveis, são semelhantes ao filho pródigo, de que fala o Evangelho, que, apartando-se de seu pai, que é Deus, deixando as boas iguarias, que são os bons documentos da Santa Escritura, e dos outros livros excelentes, com que a alma se apascenta, comia as cascas que ficavam do mantimento dos porcos, que são as letras profanas, que incham, e não fartam, quando tratam cousas vãs e fofas, e perniciosas. Dos tais se queixa S. Jerónimo em uma espístola ao Papa Dâmaso e nos comentários sobre o capítulo vigésimo oitavo de Isaías».<sup>24</sup>

Os livros profanos, alimento de porcos! Comparação pouco lisonjeira, que não esgota, porém, o pensamento de Heitor Pinto sobre eles... tanto mais que favorece claramente a leitura dos livros de história:

---

<sup>23</sup> *Ibid.*, TLH, II, 257; SC, III, 58-59.

<sup>24</sup> *IVC, Diál. da discr. ign.*, c. 10: TLH, II, 259; SC, III, 60-61.

«Mas também afirmo que a história humana é útil, e mui excelente, a qual Cícero, no segundo livro De Oratore, diz que é testemunha dos tempos, luz da verdade, vida da memória, mestra da vida, anunciadora da antiguidade. ... as verdadeiras histórias servem para muitas cousas, e dão muitos avisos, e movem a grandes empresas...

É tão grande cousa a história... que fenecem reinos e senhorios, e ela não fenece; morrem grandes e pequenos, e ela sempre vive; mudam-se os impérios e principados, tiram-se a uns e dão-se a outros, e enfim todos acabam, e ela fica; e quanto mais velha é, em mais estima se tem».<sup>25</sup>

Deste modo, o prodígio da verdadeira história, enquanto descreve acontecimentos passados para todo o sempre, presta um testemunho à própria eternidade da verdade, porque será sempre verdade que estes acontecimentos tiveram lugar. O estudo da história é então, aos olhos de Heitor Pinto, um factor importante na formação do humanista cristão, desejoso da verdade e da eternidade.

Os critérios que Heitor Pinto propunha a estes leitores para a escolha dos seus objectos de estudo permanecem hoje substancialmente verdadeiros e úteis. Em perfeita harmonia com a Revelação, a razão e o direito natural, correspondem a uma necessidade mais urgente na hora actual: vivendo agora a época da «explosão do saber», constatando a impossibilidade absoluta de ler tudo e tudo conhecer durante a nossa vida terrena, devemos reconhecer que a Providência nos convida, através destas circunstâncias, a ignorar voluntariamente tudo aquilo que não temos necessidade de saber, a ignorá-lo sem remorso, para concentrar o nosso esforço intelectual na aquisição dos conhecimentos necessários ao exercício da nossa vida profissional, familiar, humana e cristã.

Tal é, em linhas muito gerais, o objecto do tratado de Pinto sobre «a discreta ignorância» ou, se se prefere, sobre uma ignorância plena de discernimento que ele resume nestas palavras: «*é não quererem os homens saber cousas que lhes não convêm, por saber as que lhes convêm*».<sup>26</sup>

---

<sup>25</sup> IVC, Diál. da vida solitária; c. 5: TLH, I, 342; SC, II, 34.

<sup>26</sup> IVC, Diál. da discr. ign., c. 2: TLH, II, 201; SC, III, 8.

3. Todavia, Pinto sabe bem que nós falhámos muitas vezes nestes critérios de discernimento nas nossas leituras como ao dever de conhecer a nossa miséria e a nossa grandeza, a nossa queda de facto e a nossa vocação sobrenatural; daí a sua insistência – poética e magnífica ao mesmo tempo – no recurso ao Perdão divino:

«Querendo Cristo nosso Deus curar um cego de natureza, diz S. João (cap. 9)... que cuspiu em terra e que fez lama e que lha pôs nos olhos e mandou lavar à fonte de Siloé e que desta maneira o sarou.

Ainda que, à primeira vista, esta cura parecesse contra natureza, porque a lama lançada nos olhos suja-os e não os alimpa, cega-os e não os aclara, contudo quis nosso Redentor curá-lo desta maneira para nos ensinar que sempre seríamos cegos se não tivéssemos ante os olhos a terra e lama de que somos. E que, se queríamos ter vista, que víssemos quem éramos, e que, vistas e examinadas nossas misérias e culpas, nos fôssemos à fonte da penitência e que ali seríamos lavados naquelas divinas águas da sacramental confissão, ordenada por Cristo.

Não basta termos nos olhos a lama se nós não formos à natatória de Siloé; quero dizer, que nos não basta conhecermos quem somos e os males que cometemos, mas é necessário irmos lavar àquele glorioso sacramento da confissão, àquelas celestiais águas de Siloé que, como diz Isaías, correm com silêncio (cf. Is 8, 6), aquela secreta confissão pela qual, como por divino cano, correm as águas dos merecimentos da morte e paixão de Jesus Cristo nosso verdadeiro Deus, figurado, como diz S. Paulo, naquela pedra da qual, ferida, saiu no deserto abundância de maravilhosas águas».<sup>27</sup>

A dupla imagem parece original.<sup>28</sup> A lama recorda-nos os pecados dos quais Cristo nos quer arrancar, ao passo que a água simboliza, com a graça do seu Espírito, o seu perdão divino, concedido a primeira vez aos adultos aquando do seu baptismo, depois, muitas outras vezes, aos baptizados, vítimas de recaídas. A lama suja e a água purifica: impressionante antítese do pecado humano e da graça divina!

<sup>27</sup> *IVC, DVF*, c. 4: *TLH*, I, 42-43; *SC*, I, 44.

<sup>28</sup> Assim o observa M.-J. Lagrange, «a ninguém podia surgir a ideia de que a lama tivesse o poder de curar; é, então, uma maneira de tornar ainda mais evidente a cegueira antes da cura»; ver o seu *Evangelho segundo S. João*, Paris 1925<sup>2</sup>, pp. 260ss; na medida em que a lama é suja, pode evocar os pecados (mas não, evidentemente, enquanto que foi feita por Cristo).

Esta dupla imagem, sacramental e cristocêntrica, convida-nos a considerar agora mais de perto a cristologia do nosso autor. Passemos então do humanismo cristão ao Homem Jesus Cristo.

## **Heitor Pinto, arauto do mistério de Jesus Cristo**

O nosso autor transmite-nos a cristologia da Idade Média católica enraizando-a amplamente na cristologia dos Padres da Igreja. Uma mistura de fontes (bíblica, patrística, medieval), transfiguradas pelo estilo encantador do monje jerónimo, apresenta-nos, por assim dizer, o Cristo em beleza: a Beleza divina do Verbo tornada beleza humana, manifestando-se através da beleza literária.

Citemos, desde logo, o «diálogo sobre a verdadeira filosofia», respondendo à questão: porquê a Encarnação?

«... se o bem for sumo, sumamente será difusivo e comunicativo. E como Deus é sumo bem, sumamente se havia de difundir e comunicar. Pois como podia Deus mais sumamente comunicar-se connosco que fazer-se homem como nós, tomar nossa natureza, e conversar connosco?

E assim era conveniente a Deus, porque era conveniente segundo a razão de sua própria natureza. Porque como a natureza de Deus é a essência da bondade, como o afirma o divino Dionísio, segue-se que o que pertence à razão do bem convenha a Deus, e à razão do bem pertence comunicar-se, e à do sumo bem comunicar-se sumamente, logo foi conveniente a Deus ajuntar a si a natureza criada e fazer-se homem para se sumamente comunicar aos homens.

Quanto mais que é convenientíssimo que pelas cousas visíveis se mostrem as invisíveis de Deus. E por isto foi criado o mundo, como espelho das cousas invisíveis, como diz o glorioso apóstolo Paulo no primeiro capítulo da Epístola aos Romanos. E pois pelo mistério da Encarnação... se mostram as cousas invisíveis de Deus, e a sua sapiência e potência e justiça.

A bondade, porque não desprezou a enfermidade da sua própria criatura. Em que podia Deus mais mostrar sua bondade que em se fazer homem por salvar o homem e receber morte por lhe dar a vida?

Mostrou sua sapiência no modo excelentíssimo que achou para nos salvar, ensinando-nos por palavras e obras quanto lhe devíamos para que empregássemos em suas cousas o cabedal de nossas obrigações.

Mostrou sua potência em nos livrar do poder do demónio.

E mostrou sua justiça, porque nos não quis livrar por força, mas por direito, pagando por nós, tomando nossos pecados sobre si, sacrificando-se por nossas culpas e tirando da mão do tirano o homem pelo homem.

E assim diz S. Paulo (Rom 3)... que padeceu Cristo por nós para mostrar sua justiça, porque o Padre celestial quis castigar nossos pecados em seu próprio Filho».<sup>29</sup>

Para Pinto, «teologia» e «economia» são inseparáveis: o mistério de Jesus, Filho incarnado do Pai, revela-nos ao mesmo tempo as perfeições divinas e a expiação humana das nossas faltas. Um pouco mais adiante, este último ponto é admiravelmente descrito:

«Não podiam tão altos benefícios ser senão daquele alto Senhor, que é caridade incriada e sempiterna.

Enquanto Deus, não podia morrer, e por isso se fez homem, para que, sendo Deus e homem, enquanto homem padecesse e enquanto Deus nos salvasse.

E assim são duas naturezas, divina e humana, mas um só suposto, uma só pessoa, um só Cristo nosso Deus. Isto não entendeu Platão, isto ignorou Aristóteles...»<sup>30</sup>

Para entendermos bem estas alusões negativas a Platão e Aristóteles, convém recordarmos que, no seu tempo, os Salmistas tinham já profetizado a Paixão de Jesus. Principalmente, estas alusões sublinhavam indirectamente a transcendência do saber cristão em relação à ignorância pagã; hoje, um simples cristão já sabe o que os grandes filósofos da Antiguidade não eram capazes de descobrir: o amor salvífico de Deus para consigo.

Noutro diálogo – sobre a «tranquilidade da vida» –, Pinto não se furta ao gosto de nos apresentar o grande símbolo deste amor salvador – o Coração trespassado de Cristo na cruz:

---

<sup>29</sup> *IVC, DVF*, c. 7: *TLH*, I, 61-63; *SC*, I, 62.

<sup>30</sup> *Ibid.*, *TLH*, I, 68; *SC*, I, 67.

«No altar da Cruz, se constitui em sacrifício e holocausto por nossos pecados. Ali estava seu coração feito um poço sem fundo de misericórdia, que arrentava por cinco fontes, que são as suas cinco chagas».<sup>31</sup>

Para Heitor Pinto, a contemplação bíblica do Mediador misericordioso termina numa comovente oração:

«Bom Deus, Redentor meu, refúgio meu, doce amor meu, firme esperança minha, perdoai-me, que eu sou o que vos tenho muitas vezes crucificado; sejam afogados meus males nos rios do vosso sangue, e no mar sem fundo de vossa misericórdia... Já que vos peço misericórdia, não ma negueis. Atravessem os vossos duros cravos a dureza de meu coração; traspassem os duros espinhos a pertinácia de meus males; a cruel lança fira o meu lado, ninho onde se recolhem muitas vaidades; seja aberto o meu peito com a ferida de vosso amor. Feri, meu bom Jesus, este duro coração, donde arrentem dois rios de minhas lágrimas de arrependimento de meus pecados, da dor de vossa morte e paixão, da dilação<sup>32</sup> de meu desterro neste miserável vale e dos males de meus próximos».<sup>33</sup>

Passagem que nos mostra como Heitor Pinto foi influenciado pela espiritualidade afectiva da Idade Média, tão concentrada, depois de S. Bernardo, no amor da humanidade de Cristo. A humildade tão manifesta não exclui mas facilita uma respeitosa «tomada de possessão», na adoração (pelo discípulo), do Cristo Senhor: tal é o sentido da repetição do adjectivo possessivo «*meu*». Tomada de possessão que é, além disso, a razão de ser do acto mediador de Cristo, desejo de nos tornar assim participantes da sua religião reparadora diante do Pai.

Outras passagens da obra gigantesca do nosso autor, especialista do Antigo Testamento – o que não devemos esquecer –, sublinham, sob a influência dum método abundantemente praticado pelos Padres – especialmente a análise tipológica –, as prefigurações do mistério de Cristo no Antigo Testamento:

«No ano que o novo povo entrou na terra de promessa, morreu Aarão, sumo sacerdote, no monte Hor (Nm 20)... Dizer a

<sup>31</sup> *IVC, Diál. da tranquilidade da vida*, c. 26: *TLH*, II, 182; *SC*, II, 314.

<sup>32</sup> «*Dilação*», e não «*dilatação*»: seguimos a edição melhor de 1843, tomada de *TLH*, II, 186 b; pelo contrário, *SC* manifesta um erro evidente (II, 318).

<sup>33</sup> *IVC, Diál. da tran. da vida, ibid.*: *TLH*, II, 185-186; *SC*, II, 317.



Escritura que, para os filhos de Israel entrarem na terra de promessa, havia primeiro de morrer o sumo sacerdote, e que morreu na altura de um monte, e não em vale, não carece de mistério. Que sumo sacerdote é este senão Jesus Cristo, nosso Redentor? ...Que monte é este, em cujo cume morreu o sumo sacerdote, senão o monte Calvário, onde expirou o dador da vida, para que ali, onde acabavam seus trabalhos, começassem nossos descansos? Quis-nos nisto a Escritura ensinar que havia de morrer o sumo sacerdote Cristo nosso Deus no monte Calvário para o novo povo, para os filhos de Israel segundo o espírito, que são os Cristãos, entrarem naquela verdadeira terra de promessa, que é a vida eterna».<sup>34</sup>

Existia, evidentemente, uma harmonia pré-estabelecida entre a imaginação poética de Heitor Pinto e o recurso à tipologia para a exposição do Mistério de Cristo. A influência dos Padres sobre o nosso autor contribuiu para uma acentuação do seu talento de poeta prosador; porque, através deles, a Bíblia forneceu-lhe um enorme reportório de imagens; mas a sua poesia deve também muito aos grandes teólogos medievais que conheceu; graças a eles, pode alternar entre os esplendores abstractos e metafísicos que os caracterizam e, por outro lado, a poesia concreta das Escrituras.

Numa palavra, Heitor Pinto possui abundantes riquezas cristológicas cuja síntese ainda não foi elaborada, nem sequer foi feito um inventário adequado. A sua obra, unindo num todo harmonioso uma cristo-logia especulativa do tipo de S. Boaventura e platónica com uma cristologia bíblica, poderia dar lugar à elaboração de muitas teses de cristologia, quer doutrinal quer espiritual.

Quem aceitasse os riscos inerentes à sua elaboração sentiria mais intensamente, estamos disso convencidos, através do estilo encantador do nosso monje jerónimo, o fascínio do único Encantador, do Encantador infinito, do perfeito e divino Encantador, Jesus Cristo.

---

<sup>34</sup> *IVC, DVF, c. 7: TLH, I, 63; SC, I, 63.*

## Heitor Pinto, melancólico e consolador: o encanto do seu estilo

Nos diálogos que integram a sua obra, Pinto revela, por vezes, confidências sobre o seu carácter:

«... é necessário vigiar e trabalhar, e orar, e padecer tribulações e angústias. Mas para nelas não desmaiarmos, nem enfraquecermos, cumpre-nos cuidar na grandeza da divina misericórdia e lembrarmo-nos das mercês que de Deus recebem os que a ele se encomendam. Estas lembranças me confortam nos trabalhos desta minha peregrinação, quando, estando pensativo e angustiado, feito um mar de tristes pensamentos, trago à memória os grandes benefícios que o misericordioso Deus tem feito desde o princípio do mundo aos que o tomaram por refúgio, e lançaram nele a firme âncora de sua esperança; e a muitos deles em tempo que parecia ao humano juízo não haver sinal de remédio».<sup>35</sup>

Sublinhemos aqui a confissão tão clara das crises periódicas de depressão. À tentação da «tristeza segundo a carne» – para recorrer a uma expressão de S. Paulo<sup>36</sup> – Heitor Pinto opõe uma ampla contemplação dos dons da misericórdia divina ao longo de toda a história humana. Ele afoga – se podemos falar assim – o mar da sua tristeza pessoal no oceano da misericórdia que o conjunto da criação comprova ao ser lançada na existência e arrancada ao não-ser.

Compreende-se então a imagem bíblica que desenvolve para melhor inculcar a compreensão das relações entre tristeza e alegria:

«Quem quer plantar no seu jardim uma laranjeira, ou outra grande árvore de bom fruto, não planta um ramo com suas folhas e flores ou fruto, porque isso é perder o trabalho, e as folhas murcham-se, e as flores secam, e a fruta seca-se com o ramo.

Mas quem quer ter árvore, planta o tronco dela que, depois, árvore feita, dá folhas, e flores, e fruta.

O nosso coração é o nosso jardim, se nele quisermos plantar um ramo de alegria com suas flores e fruta será trabalho por demais, porque de um contentamento não nascem outros, nem há

<sup>35</sup> IVC, *Diál. da discr. ign.*, c. 10: TLH, II, 262; SC, III, 63-65.

<sup>36</sup> Cf. 2Cor 7, 10.

ramo de gostos que se faça em árvore de alegria; seca-se o ramo, perde-se o contentamento, e fica tudo em tristeza...

O tronco e raiz da alegria é a tristeza: não qualquer tristeza, mas a que é tomada da lembrança da morte e paixão de Cristo nosso Redentor, de seus tormentos, e dos da gloriosa Virgem sua Madre. E da lembrança dos pecados assim próprios como alheios e da soidade da celestial pátria da glória.

Este tronco de tristeza se converte numa árvore excelente de alegria e espirituais contentamentos». <sup>37</sup>

Estamos em presença – de novo, porque já tínhamos encontrado este conceito em Bartolomeu dos Mártires e Tomé de Jesus – da substância da compunção patrística e medieval: esta «tristeza pela salvação perdida» que nos faz passar à «alegria da salvação recuperada». Para Pinto, a compunção voluntária é a força duma alegria super-abundante.

Por outras palavras, em vez de suportar passivamente a sua melancolia, quis exercitar activamente uma tristeza auto-comandada, transformar a sua inclinação para a depressão dando-lhe um objecto transcendente e sobrenatural: a paixão de Jesus e a compaixão de Maria, vítimas dos seus próprios pecados, dele, Heitor. A sua melancolia é assim convertida: de factor de desintegração que o afunda no abismo, torna-se em factor de elevação e sublimação, e por isso, brota em rios de alegria. Tronco de tristeza, torna-se em árvore de felicidade.

Podemos notar ainda a ligação desta alegria com a dupla realidade distinta: do arrependimento e da aversão voluntária aos pecados pessoais por um lado, e do desejo ardente da pátria celeste, «*soidade*», <sup>38</sup> por outro. Poderemos dizer que, Heitor Pinto identifica a compunção com uma «*saudade* de si mesmo», uma «*saudade*» não apenas da pátria celeste, mas também da sua infância inocente, antes da idade da razão, como da santidade pessoal e escatológica que deseja e espera. Com a compunção, Pinto comprova uma nostalgia sobrenatural da sua própria inocência inicial e santidade final.

Esta «*saudade* de si mesmo» não é piedade de si como tristeza e remorso diante do seu passado, na esperança dum devir eterno – esperança que transforma o remorso em gozo.

<sup>37</sup> IVC, *Diál. da tribulação*, c. 3: TLH, I, 255-256; SC, I, 237.

<sup>38</sup> A ortografia da palavra, tal como H. Pinto no-la apresenta, insinua que «*soidade*» teria inicialmente um sentido próximo de «costume, hábito»?

É assim como Pinto, o melancólico, se torna – especialmente escrevendo a sua *Imagem* – em educador da sua própria alegria, causa da sua felicidade: um homem feliz sobre uma base de tristeza.

A conjugação entre melancolia, «*saudade*», compunção e esperança teologal apresenta-se em Pinto como uma psicoterapia da alma que se unifica à volta da Cruz e da Paixão de Jesus, Deus-Homem:

«Quando se vos puserem ante os olhos as nuvens de vossas tristezas, ameaçando-vos e assombrando-vos com grandes chuvas e tempestades de perigos, perdas, perseguições,<sup>39</sup> injúrias e outras tormentas, olhai para o arco-celeste, ponde os olhos em Cristo crucificado e nele achareis esperança, misericórdia e consolação».<sup>40</sup>

Temos assim, na obra de Heitor Pinto, um caso excepcional de auto-evangelização da «*saudade*», da nostalgia portuguesa. Certamente, o nosso autor está longe de ser o único a descer às suas próprias profundidades para iluminar as suas trevas com a luz sangrenta da Cruz: o seu contemporâneo Tomé de Jesus fá-lo-á um pouco depois com uma sublimidade única.

Mas o que, sem dúvida, constitui o ponto específico da reacção de Pinto diante da sua própria «*saudade*» foi admiravelmente esclarecido pelo professor José V. de Pina Martins:

«Heitor Pinto foi um extraordinário pintor... tendo sabido... descrever a melancolia do homem interior através da sua recriação do mundo e das coisas... A concepção filosófica platonizante... dá um sentido doutrinarário exemplar à *Imagem*, onde a *saudade* ressentida através da descrição melancólica do mundo e das paisagens implica uma *saudade* metafísica definida pelo conceito platónico de uma formosura que não passa de sombra e aparência da Beleza divina».<sup>41</sup>

Se comparamos as «*saudades*» respectivas do monje agostinho prisioneiro em Marrocos e do monje jerónimo, verificamos que, no primeiro, a natureza física não marca tanto como o sentimento de nostalgia no segundo. Se é certo que existe um parentesco entre a «*saudade*» portuguesa e a experiência marítima (parentesco sublinhado por Pinto),<sup>42</sup>

<sup>39</sup> Notar a aliteração: três palavras sucessivas começam por *per*.

<sup>40</sup> *IVC, Diál. da tribul.*, c. 8: *TLH*, I, 301; *SC*, I, 277.

<sup>41</sup> J.V. Pina Martins, *IVC, TLH*, Introd., XLVII.

<sup>42</sup> *IVC, Diál. da verdadeira amizade*, c. 16: *TLH*, II, 388-393; *SC*, III, 181 e 185: «*Os velhos, que andam já embarcados para a morte na nau da triste vida... estive contemplando aquele grande mar oceano tão profundo, e ao parecer tão imenso, onde eu tantos perigos e naufrágios passara...*».

é principalmente num contexto terrestre que o seu génio poético<sup>43</sup> explora o tema supremamente específico da história da literatura portuguesa. J.V. de Pina Martins analisou ainda maravilhosamente aqui o objecto da «*saudade*» cultivada pelo nosso autor:

«Certas palavras repetem-se frequentemente: ribeiras, arvoredo, vales, ervas, fontes; fresco, frio, deleitoso, frutífero, verde, ameno, doce, suave. O leitor pergunta-se se esta insistência não poderá explicar-se por uma experiência da vida do próprio escritor. No caso de Fr. Heitor Pinto, suponho – mas é apenas uma hipótese – que se trate de uma reminiscência da infância que, nele, estimula a saudade dos lugares serranos onde nasceu».<sup>44</sup>

E o eminente especialista do humanismo da renascença chama a nossa atenção para uma passagem da *Imagem* onde Pinto descreve a sedução que a lembrança da sua terra natal, Covilhã, ainda exerce sobre ele:

«E eu vos ouvi já dizer que, andando em terras estranhas, suspiráveis por Portugal. E algumas vezes vos ouvi particularmente louvar a própria terra onde nascestes, chamando-a inexpugnável por fortes e altos muros, situada num lugar alto e desabafado e de singular vista, entre duas frescas e perenes ribeiras, com infinidade de frias e excelentes fontes, e cercada de deleitosos e frutíferos arvoredos, chamada... Covilhã».<sup>45</sup>

Nostalgia da cidade natal que, Pinto, passando da «*saudade*» psicológica à «*saudade*» metafísica e escatológica, vai desmitificar à luz da esperança de eternidade:

«É tanta a força do amor da pátria, e tão doce sua memória, que nos faz parecer suave qualquer trabalho por ela padecido...

Mas isto não mostra que os homens são honrados pelas terras, antes elas por eles; nem prova que a nobreza da terra é verdadeiro bem; porque, se o fosse, faria bons a seus possuidores, e nós vemos que de terras que por virtudes de muitos são nobres, saem muitos que por vícios são infames».<sup>46</sup>

Na sua fé e esperança cristãs, Pinto possui assim a força de purificar a sua «*saudade*»; ele desterra-a totalmente do seu passado para a prender unicamente ao seu futuro eterno.

<sup>43</sup> A expressão é de J.V. Pina Martins, *IVC*, *TLH*, Introd., LI.

<sup>44</sup> *Ibid.*, LIII-LIV.

<sup>45</sup> *IVC*, *Diál. dos verdadeiros e falsos bens*, c. 18: *TLH*, II, 741-742; *SC*, IV, 252.

<sup>46</sup> *Ibid.*, *TLH*, II, 744; *SC*, IV, 254.

É o que sobressai numa oração muito poética, ponto culminante do diálogo sobre a morte:

«Vós meu Deus, que dais água aos brutos animais, não a negueis a meus olhos, para que... saia seguro do labirinto do mundo, ... e vá gozar do verdadeiro contentamento. Porque aqui que contentamento posso eu ter, assentado sobre os rios de Babilónia, desfazendo meus olhos em lágrimas com lembranças de Sião...? Tirai, Senhor, minha alma deste cárcere, livrai-a desta cova e prisão do mundo, levai-me deste desterro a essa pátria, e deste miserável vale a esse glorioso monte da visão divina, onde goze de vós na eterna bem-aventurança».<sup>47</sup>

Em suma, Pinto coloca o encanto nostálgico do seu estilo ao serviço numa esperança destruidora de qualquer «passadismo», de qualquer afeição desordenada em relação ao passado, tornado puro pelo acesso à eternidade.

Simultaneamente, temos de reconhecê-lo, é precisamente pela aceitação voluntária da sua melancolia e da sua inclinação para a «*saudade*» que Pinto nos encanta e consola. A sua recusa de qualquer «passadismo» não o impede absolutamente nada de nos fazer sentir como o encantava, mas sem o prender, o seu próprio passado.

## Críticas negativas e positivas

A obra-prima de Heitor Pinto não fecha os olhos dos seus admiradores sobre quaisquer limites que aí se manifestam.

A obra peca de unidade. Apesar disso é verdade que o autor explica no prólogo da primeira parte uma intenção unitária, comparando os seus escritos com uma imagem, uma figura onde os diferentes personagens seriam os membros. Onde, provavelmente, o título dado ao conjunto: *Imagem da vida cristã*. Mais precisamente e mais expressamente: *Imagem da vida cristã ordenada per diálogos como membros da sua composição*.

<sup>47</sup> *IVC, Diál. da lembrança da morte*, c. 8: TLH, I, 476; SC, II, 152.

Todavia, quando procuramos descobrir o encadeamento entre os diversos diálogos, vêmo-lo brilhar pela sua ausência. Não aparece qualquer esforço de integração lógica.

Mais ainda, a adopção da técnica do diálogo é mais aparente que real: o autor não só manifesta uma tendência para o monólogo como também não aparecem em qualquer diálogo quer judeus quer muçulmanos cuja ausência limita a veleidade de humanismo cristão que é, contudo, o ponto nevrálgico de toda a sua obra.<sup>48</sup> Mas houve em Espanha e em Portugal, nesta época (menos de um século antes da expulsão massiva, em 1492, dos judeus e muçulmanos), uma só obra de diálogo inter-religioso elaborada com o cuidado do humanismo cristão? Não parece. E se Pinto tivesse querido entrar por este caminho e publicar uma obra assim orientada, teria ele conseguido a aprovação do arcebispo de Lisboa e da Inquisição portuguesa? Recordemo-lo: sem a sua licença ele não podia publicar; e o seu acordo foi total.<sup>49</sup>

Mais estranha parece ser a exegese que o nosso professor de Sagrada Escritura faz da cura do paralítico (Mt 9 e Lc 5). Recordando a ordem dada por Jesus ao paralítico («Levanta-te, pega na tua enxerga e vai para casa»), Pinto diz:

«Pelo paralítico se entende a alma enferma, pelo leito o corpo. E assim como onde ia o leito, lá ia o paralítico, assim onde vai a carne, lá vai alma do triste pecador, que jaz entevada no corpo. Mas, recuperada a saúde da alma, alevanta-se em contemplação e vai com o pensamento a sua casa, que é a glória, meditando os divinos e altos mistérios. E já não é governada pelo corpo, mas ele por ela. E isto é alevantar-se a alma, e caminhar para sua casa, levando consigo o leito, que dantes a levava».<sup>50</sup>

Eis uma exegese bem singular, pelo menos à primeira vista. A narração evangélica mostra na cura do corpo um sinal do perdão concedido à alma. Faz-nos passar do visível (a saúde do corpo) ao invisível (a remissão dos pecados). Aqui, curiosamente, o movimento é

---

<sup>48</sup> E. Glaser, *Portuguese Studies*, Paris 1976, p. 95.

<sup>49</sup> Cf. a aprovação dada à segunda parte, no 18 de Outubro de 1571, por fr. B. Pereira, por ordem da Inquisição: «Entre tanta variedade e mistura de matérias de que este livro vai abastado, nenhuma proposição achei que possa ofender as orelhas cristãs e que não seja mui conforme à nossa santa fé» (TLH, II, X).

<sup>50</sup> IVC, *Diál. da lembr. da morte*, c. 7: TLH, I, 467: SC, II, 145.

inverso: passa-se da saúde da alma à força do corpo. Pinto não parece que cite algum Padre da Igreja para justificar o seu propósito, muito platonizante.

Porém, não podemos dizer que esta exegese seja incompatível com o texto evangélico. Neste, a paralisia do corpo vai acompanhada duma paralisia da alma por causa do pecado. Perdoando as faltas, Jesus restitui a mobilidade à alma imortal. Esta pode de novo levar o corpo à sua contemplação, em vez de se deixar dominar pelas paixões que estão ligadas à corporeidade.

Por outro lado, é certo que o leito prolonga, de certa maneira, o corpo. Deste modo, a ordem dada («toma o teu leito») significa implicitamente: «toma posse de tudo o que prolonga o teu corpo e está ao seu serviço». A paz e a mobilidade restituídas à alma pelo perdão dos seus pecados facilitam o seu domínio sobre o próprio corpo e até sobre o mundo que o envolve. Ela pode então levar mais facilmente o universo que a rodeia a casa, que é ao mesmo tempo a casa do Pai e a sua.

Eis-nos assim reconciliados com uma exegese à primeira vista arbitrária, para não dizer absurda!

Assim passamos à consideração duma crítica positiva das qualidades e méritos da *Imagem da vida cristã*. Esclareçamo-nos.

Desde logo, o leitor fica admirado com a facilidade com que Pinto recorre às metáforas. «*Não conhecemos quem possa correr parêlas com Frei Heitor Pinto quanto ao número e beleza das metáforas e comparações*»,<sup>51</sup> diz um crítico literário, Mário J. Pereira Loureiro. Oferece-nos numerosos exemplos, muito variados, por sinal: em Pinto encontramos imagens físicas, marítimas, guerreiras. Tantos sinais de um prodigioso espírito de observação e duma imaginação muito fecunda.

Heitor Pinto conseguiu-o com grande audácia: colocar o encanto literário ao serviço duma doutrina ascética. Pereira Loureiro observa a propósito:

---

<sup>51</sup> M. Pereira Loureiro, «A “Imagem da Vida Cristã” de Frei Heitor Pinto no aspecto estilístico e literário», *Revista de História Literária de Portugal*, II (1967) p. 207.



«[Pinto] consegue fundir a determinação ascética com uma surpreendente graça formal; ao lermos a sua obra, o espírito sente-se preso de estranho sortilégio, misto de admiração e deleite». <sup>52</sup>

Numa palavra, pela sua *Imagem da vida cristã* Pinto continua a ser para nós um mestre e uma fonte de beleza ao serviço da fé e da felicidade; porque ele pretende antes de tudo a glória de Deus, <sup>53</sup> e deixa-nos satisfeitos.

Podemos concluir assim com José V. de Pina Martins:

«Fr. Heitor Pinto prova ser, na sua Imagem, não apenas um grandíssimo escritor, mas muito mais do que isso: um pensador, um moralista, um exegeta preparadíssimo, um humanista... Ele dominava a cultura teológica, filosófica e humanística do Renascimento... Na história da literatura portuguesa há talvez livros mais profundos ou mais construídos ou até mais excelentes. Não conheço nenhum tão completo, tão apaixonante, tão variado, tão rico de erudição viva, tão amorosamente trabalhado pelo talento, tão livremente conduzido por um génio fúlgido e amável». <sup>54</sup>

---

<sup>52</sup> *Ibid.*, p. 228.

<sup>53</sup> E. Glaser, *Op. cit.*, p. 102, nota 48: «Pinto unhesitatingly subordinates the pursuit of human letters to the promotion of divine glory».

<sup>54</sup> J.V. Pina Martins, *IVC, TLH*, Introd., LIV e LVII-LVIII.





